

# CMI RELATÓRIO

Tradução do Relatório R 2010: 7

“Não fica bem que uma  
mulher seja chefe quando  
existem homens”

Género e Pobreza no  
Sul de Moçambique

Inge Tvedten  
Margarida Paulo  
Minna Tuominen

O Instituto Chr Michelsen é um centro independente de pesquisa em desenvolvimento internacional e políticas públicas com foco em países pobres. O Instituto conduz pesquisa básica e aplicada, nas áreas temáticas de direitos humanos, redução de pobreza, reforma do setor público, resolução de conflitos e manutenção de paz. Enfoque geográfico é dado a África do Norte e Sub-sahariana, Oriente Médio, Ásia Central e Sudeste Asiático, e América Latina.

A pesquisa realizada pelo CMI tem como objetivo informar e influenciar políticas públicas assim como contribuir para o debate sobre desenvolvimento internacional. O CMI trabalha com uma vasta rede de pesquisadores parceiros e em estreita cooperação com pesquisadores no Sul.

“Não fica bem que uma mulher seja chefe quando existem homens”

Género e Pobreza no Sul de Moçambique

Inge Tvedten (CMI)  
Margarida Paulo (Cruzeiro do Sul)  
Minna Tuominen (AustralCowi)

**R 2010: 7**

**CMI** CHR.  
MICHELSEN  
INSTITUTE

Agradecemos de forma especial a Rachi Picardo por sua contribuição importante para este projeto.

Agradecemos também, pelo trabalho de coleta de dados, a: Egidio dos Anjos, Maria Raul Muteuie, Alexandre Benjamim Chitlango, Emerenciana Candido, Herbenizario Betencurt Bachita, Nelia Mucavele, Ilidio Chichava, Arlindo Uamusse, Deliciosa Maoze, Mario Moiane.

Este projeto é financiado pelo Ministério de Negócios Estrangeiros da Noruega (UD/Norad).

**Número do projecto**

27038

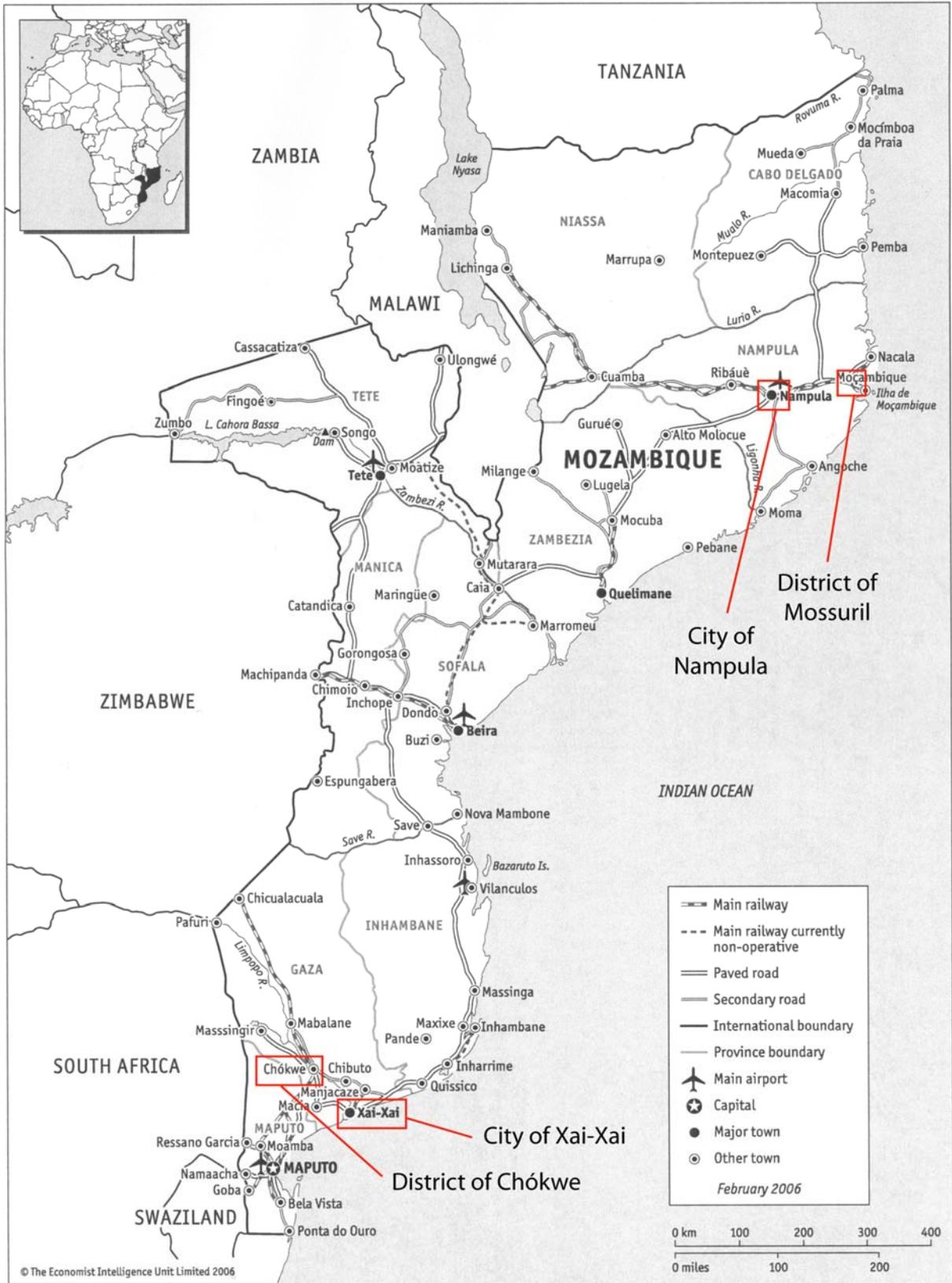
**Título do projecto**

Políticas de Género e Feminização da Pobreza em Moçambique

## Índice

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1 ABORDAGEM ANALÍTICA .....	3
1.2 METODOLOGIAS.....	4
1.3 CONCLUSÕES PRINCIPAIS .....	5
<b>2. ANTECEDENTES .....</b>	<b>7</b>
2.1 HISTÓRIA .....	7
2.2 CONTEXTO POLÍTICO E ECONÓMICO.....	10
2.3 INDICADORES SÓCIO-ECONÓMICOS.....	12
2.4 CIDADE DO XAI-XAI .....	14
2.5 DISTRITO DO CHÓKWÈ.....	17
<b>3. GÉNERO E POBREZA.....</b>	<b>21</b>
3.1 PRÁTICAS CULTURAIS .....	21
3.2 ORGANIZAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR .....	23
3.3 EMPREGO, RENDIMENTO E DESPESA .....	30
3.4 EDUCAÇÃO.....	34
3.5 SAÚDE.....	37
3.6 RELAÇÕES COMUNITÁRIAS .....	39
<b>4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>44</b>
4.1 CONCLUSÕES.....	44
4.2 RECOMENDAÇÕES .....	45
BIBLIOGRAFIA .....	47

**Mapa 1: Moçambique e Locais do Projecto no Terreno**



## 1. Introdução

O Governo de Moçambique considera a “igualdade de género e empoderamento da mulher” como uma meta explícita da sua estratégia de desenvolvimento, argumentando que é um pré-requisito para atingir os objectivos de redução da pobreza estabelecidos na sua Estratégia de Redução da Pobreza, PARPA II (GdM 2005). Isto tem uma boa razão: os dados quantitativos disponíveis mostram claramente que as mulheres em Moçambique estão sistematicamente em desvantagem em termos políticos, económicos e sócio-culturais (Tabela 1). Além disso, actualizações recentes mostram que a proporção de agregados familiares chefiados por mulheres está a subir em Moçambique e que o intervalo de pobreza entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres está a aumentar (Tabela 2). Mais ainda, os dados revelam também diferenças importantes na situação das mulheres entre diferentes regiões geográficas e entre formações sociais rurais e urbanas, em áreas chave como a produção agrícola, emprego, rendimento, educação, saúde e níveis de violência doméstica (MISAU 2005; INE 2009 e 2010 ).

**Tabela 1:** *Dados Sócio-Económicos Chave sobre Homens e Mulheres em Moçambique (em percentagem)*

Item	Homens		Mulheres	
	2004	2009	2004	2009
Emprego formal	19,0	n.d	3,9	n.d
Emprego na agricultura	67,5	n.d	89,3	n.d
Taxa de alfabetização de adultos	67,0	n.d	37,5	n.d
Frequência líquida da escola primária	62,7	n.d	56,7	n.d
Esperança de vida à nascença	44,8	n.d	48,6	n.d
Proporção afectada pelo HIV-SIDA	13,0	9,2	17,2	13,1*

Fontes: INE 2004; 2009; 2010; Banco Mundial 2007; MISAU 2010. \* Redução provavelmente devida aos novos métodos de amostragem.

**Tabela 2:** *Sexo do Chefe do Agregado Familiar e Contagem de Pobreza (em percentagem)*

Item	Agregados Familiares Chefiados por Homens		Agregados Familiares Chefiados por Mulheres	
	2004	2009	2004	2009
Proporção global	73.6	69.1	26.4	30.9
Contagem de pobreza	51.9	n.d	62.5	n.d

Fontes: INE 2004; 2009; 2010.

Este é o terceiro relatório da série ‘Políticas de Género e Feminização da Pobreza em Moçambique’, realizada em estreita cooperação com o Ministério do Plano e Desenvolvimento. O nosso primeiro relatório (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008) examinou os dados quantitativos existentes em temas como emprego e rendimento, educação, saúde, organização social, casamentos infantis, abuso sexual e violência doméstica; o segundo relatório (Tvedten, Paulo & Tuominen 2009) centrava-se nas relações sociais e percepção cultural de género num cenário rural (o Distrito de Mossuril) e num urbano (a Cidade de Nampula) da província de Nampula no norte do país; e este relatório assenta em cenários semelhantes (a cidade do Xai-Xai e o Distrito do Chókwe) da província de Gaza no sul do país – cobrindo assim as configurações norte-sul e rural-urbana que são frequentemente vistas

como particularmente significativas no que respeita às relações e desigualdades do género no país.

Neste relatório, o nosso ponto de partida é também uma noção de pobreza ligada ao género como uma condição multifacetada abrangendo as diferenças de género em três circunstâncias principais: uma é a falta de rendimento e bens para satisfazer as necessidades básicas na forma de comida, vestuário e abrigo (minorada por uma combinação de crescentes *oportunidades* e uma crescente *capacidade* de aproveitar as oportunidades disponíveis); a segunda é uma sensação de não poder dar a sua opinião e de impotência em relação às instituições da sociedade e do estado (minorada por um crescente *empoderamento*); e a terceira é a vulnerabilidade perante choques adversos, ligada à capacidade de os enfrentar por meio de relações sociais e instituições legais (minorada por uma crescente *segurança*). A noção de uma “feminização da pobreza” será vista como implicando que as mulheres são mais pobres do que os homens, que a incidência da pobreza entre as mulheres está, com o passar do tempo, a aumentar em relação à dos homens e que a crescente pobreza entre as mulheres está ligada com a feminização da chefia dos agregados familiares (Chant 2007).

No que respeita às actuais políticas de género em Moçambique, por parte do governo e dos doadores, argumentámos no nosso primeiro relatório que há uma considerável discrepância entre as políticas e objectivos declarados e as intervenções actuais no terreno: o relativamente alto nível da representação de mulheres no Parlamento e no Governo não rendeu resultados significativos em termos de acção concreta para o empoderamento das mulheres – simbolizado pela, até há pouco pendente, Lei sobre Violência Doméstica. E a representação das mulheres aos níveis mais baixos do governo (províncias e distritos), bem como nas instituições chave do estado (na educação, saúde, justiça, etc.) continua fraca – como indicado pela frágil posição das Unidades de Género e dos Pontos Focais de Género nessas instituições. Entre os doadores, a política da “integração de género” – afectando ostensivamente todos os programas e projectos de desenvolvimento independentemente do sector – pulverizou efectivamente as responsabilidades com poucos resultados concretos no terreno, com excepção de alguns doadores como a CIDA, SIDA, FNUAP e UNIFEM. Um sector da sociedade civil relativamente forte, com o Forum Mulher e a WLSA como instituições chave, não conseguiu ‘compensar’ a limitada atenção real do governo e dos doadores para a igualdade de género e o empoderamento das mulheres em Moçambique (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008).

Relativamente às consideráveis diferenças de pobreza e desenvolvimento humano entre o norte e o sul de Moçambique (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008), deixem-nos finalmente, à guisa de introdução, realçar algumas das expressões quantitativas de dissemelhanças de género entre Nampula e Gaza que são focadas nesta série de estudos.<sup>1</sup> Conforme se vê na Tabela 3, há diferenças significativas entre as duas províncias em termos de pobreza e desigualdade, bem como de atributos de género específicos como a proporção de agregados familiares chefiados por mulheres, emprego e rendimento, taxas de alfabetização, taxas de mortalidade infantil e de HIV/SIDA. Em termos gerais, Nampula e outras províncias do norte têm baixa pontuação comparadas com Gaza e províncias do sul, nos indicadores de desenvolvimento humano (educação, saúde, nutrição, etc.), mas estão relativamente melhor nos indicadores de rendimento e consumo como mostra a diferença na contagem de pobreza. No nosso primeiro relatório explicámos estas diferenças referindo os principais amplos desenvolvimentos históricos e contemporâneos relacionados com os sistemas sócio-culturais de parentesco e linhagem (i.e. patrilinearidade e matrilinearidade); as experiências coloniais de agro-industrialização, migração e trabalho forçado; e as experiências pós-independência de

---

<sup>1</sup> Infelizmente, o resultado do há muito aguardado Inquérito Nacional aos Agregados Familiares (IAF) 2008/2009 não estava publicado na altura em que escrevemos – tornando necessário confiar nos dados das diferentes fontes que nem sempre são compatíveis.

aumento dos níveis de urbanização, ‘modernização’, e de uma crescente dependência do dinheiro para sobreviver.

**Tabela 3. Características Sócio-Económicas de Nampula e Gaza (em percentagem)**

<b>Indicadores gerais</b>	<b>Gaza</b>	<b>Nampula</b>
População (milhões)	1,2	4,1
Emprego formal	6,0	7,0
Emprego na Agricultura	83,7	82,8
Frequência líquida da escola primária	77,3	46,6
Taxa de mortalidade dos 0 aos 5 anos (em 1.000)	156	220
Contagem de pobreza	59,7	53,6
<b>Indicadores de género</b>		
Agregados familiares chefiados por mulheres	53,6	20,8
Frequência da escola primária por rapazes	77,7	50,2
Frequência da escola primária por raparigas	77,0	43,1
Relações sexuais antes dos 15 anos por raparigas	22,6	43,2
Índice de Desenvolvimento Humano	0,439	0,340
Índice de Desenvolvimento de Género	0,423	0,327

Fontes: INE 2004; MISAU 2005; UNDP 2007; Banco Mundial 2007; INE 2009.

No segundo relatório sobre Nampula, confirmámos a importância dos desenvolvimentos históricos e da economia política de Nampula para as relações de género contemporâneas, mas sublinhámos também o peso das *condições culturais* como parentesco, casamento e tradições patriarcais nas desigualdades de género – embora com diferenças importantes entre o Mossuril rural e a Nampula urbana. Gaza, que é o objecto deste relatório, passou por uma longa história de mudança social por causa da migração e urbanização e mostra um envolvimento mais forte de mulheres e dos agregados familiares chefiados por mulheres na esfera económica, mas ainda – como implica a citação no título deste relatório – com uma forte percepção da ‘superioridade masculina’ apontando para um contínuo domínio patriarcal sobre as coisas.

## 1.1 Abordagem Analítica

Os relatórios desta série baseiam-se na hipótese de que os dados quantitativos e qualitativos devem ser combinados para darem uma imagem completa das relações de género e da posição das mulheres em Moçambique, através da que é frequentemente chamada uma abordagem ‘qual-quant’ (Kanbur e Schaffer 2007): embora os dados quantitativos prestem informação importante sobre o mapeamento e perfil de pobreza e género, é necessária uma abordagem qualitativa para compreender as percepções culturais e estratégias de sobrevivência de homens e mulheres – ou a ‘dinâmica da pobreza’. Uma abordagem ‘qual-quant’ parece particularmente importante na área das relações de género, que não só reflectem as condições materiais mensuráveis como estão enredadas em constelações históricas e sócio-culturais intensas.

O nosso quadro analítico baseia-se na noção de que a história e as forças estruturais contemporâneas políticas, económicas e culturais exercem um efeito poderoso sobre a acção humana e a forma dos acontecimentos (Bourdieu 1990). A um nível, então, as relações de género são moldadas e reproduzidas por processos externos que são congruentes com os padrões de poder estabelecidos na sociedade como um todo (Moore 1996). Ao mesmo tempo, porém, há espaço para a agência humana e vidas normais, dado que as pessoas se relacionam o melhor que podem com os constrangimentos e oportunidades estruturais, a partir da posição económica e sócio-cultural em que estão inseridas (Ortner 2006). A mudança social ocorre

através do que Johnson-Hanks (2002) chamou ‘conjunturas vitais’ ou mudanças no ambiente estrutural. O nosso argumento é que duas ‘conjunturas vitais’ têm sido particularmente importantes para as relações de género em Moçambique: uma é a forte exposição das regiões sul e centro do país às forças estruturais da ‘modernidade’ e migração laboral, com uma simultânea influência contínua da ‘tradição’ na parte norte do país que tem sido menos susceptível a essas forças; e a outra é o impacto da urbanização, que parece ter aberto um novo espaço cultural para homens e mulheres por igual, de tal forma que está a tornar as relações de género nas cidades e vilas profundamente diferentes das verificadas nas áreas rurais.

Embora haja uma vasta literatura sobre relações de género na África Austral (Geisler 2004; Ouzgane e Morrell 2005), pouca, se alguma, adopta uma visão sistemática da relação entre género e pobreza *per se*.<sup>2</sup> Admitimos neste relatório que a pobreza material tem consequências por si própria, no sentido de que canaliza as percepções e acções das pessoas em direcções específicas, com implicações não apenas para homens e mulheres individualmente mas também para as relações entre eles. Embora a masculinidade e a feminilidade em Moçambique estejam envolvidas em direitos e obrigações sócio-culturais, a pobreza tem profundas implicações no ponto até ao qual estes direitos e obrigações são consumados e mantidas relações de poder ligadas ao género. Em linha com isto, a posição e direitos das mulheres nos casamentos polígamos em áreas rurais parecem estar enfraquecidos pela produção agrícola e rendimento mais baixos. E há sinais emergentes de que o desemprego e a pobreza têm implicações na capacidade de os homens manterem a sua ‘masculinidade’ e posição como chefes do agregado familiar nas áreas urbanas.

## 1.2 Metodologias

O principal objectivo deste relatório é captar as configurações locais das relações de género em Gaza, focando na província uma área rural e outra urbana. A primeira é o distrito do Chókwè, no interior, que é considerado um dos distritos da província em melhor situação tanto em termos de pobreza material como de desenvolvimento humano (MAE 2005). As áreas urbanas são constituídas por dois dos bairros mais densamente povoados da cidade do Xai-Xai, habitados em larga medida por migrantes do interior. Isto coloca-nos em boa posição para analisar as implicações da migração urbana e do urbanismo nas relações de género.

Realizaremos a nossa análise através de uma combinação de entrevistas com parceiros chave no distrito do Chókwè e na cidade do Xai-Xai; um estudo que foi especialmente desenhado para captar características e diferenças ligadas ao género; e um conjunto de metodologias qualitativas. Os parceiros incluem as autoridades políticas do distrito e do município; chefes de instituições públicas e da sociedade civil, de particular relevância; autoridades tradicionais (*régulos, secretários de bairro, hosi*, etc.) e homens e mulheres individuais das comunidades.

O estudo cobre um total de 120 agregados familiares, sendo 60 do Chókwè e 60 do Xai-XAI respectivamente. As localidades mais específicas (*povoações* no Chókwè e *quarteirões* no Xai-Xai) foram seleccionadas em cooperação com as autoridades locais, com o objectivo de encontrar áreas que fossem tão ‘representativas’ quanto possível. Dentro de cada área de enumeração optámos por seleccionar um número igual de agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres, com o fim de captar melhor as variáveis que procuramos.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Na antropologia em particular, as questões de pobreza material foram negligenciadas devido ao efeito combinado da aversão da disciplina aos dados quantitativos e simultaneamente à demasiada ênfase na “cultura” como um conjunto de sistemas de significado (Tvedten 2008).

<sup>3</sup> O nosso ponto de partida para identificar agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres foi a percepção de quem chefiava o agregado comunicada pelos nossos guias locais. Em alguns casos isto não coincidia com a percepção do próprio agregado, o que nos levou a terminar com uma proporção geral de 55% de agregados familiares chefiados por homens e 45% chefiados por mulheres – reflectindo diferenças interessantes entre as percepções ‘públicas’ e ‘privadas’ da chefia do agregado familiar, às quais voltaremos abaixo.

Embora não ‘randômica’ do ponto de vista científico, evitámos dessa forma chegar ao fim com uma amostra que não pudesse trazer luz suficiente às nossas questões de género e pobreza.

As metodologias qualitativas usadas são a *análise de forças de impacto* (para captar percepções de quais as condições [políticas, económicas, sócio-culturais] que podem inibir ou acelerar a mudança e o desenvolvimento na comunidade); *classificação da prosperidade* (para captar a percepção da própria comunidade sobre pobreza e bem estar ligados ao género e as categorias de pobres e em melhor situação); e *diagramas de Venn* (para identificar as relações e redes sociais usadas pelas diferentes categorias de pobres e em melhor situação como parte das suas estratégias de sobrevivência) (ver Tvedten et al. 2006 para uma descrição mais detalhada das metodologias). No primeiro exercício usámos grupos mistos de homens e mulheres, e no segundo e terceiro juntámos grupos separados de homens e de mulheres para averiguar possíveis diferenças ligadas ao género nas percepções de pobreza e bem estar.

### 1.3 Conclusões Principais

Os dados estatísticos disponíveis mostram que Gaza regista um desenvolvimento social relativamente elevado (educação, saúde), sendo as diferenças entre homens e mulheres mais pequenas do que noutras partes do país, como medido pelo Índice de Igualdade do Género.

Os dados mostram também uma alta taxa de pobreza baseada no consumo, de 59,7%. Todavia, o nosso estudo não prova este aspecto, antes mostrando níveis de rendimento e consumo razoavelmente altos entre agregados familiares chefiados tanto por homens como por mulheres – embora com um pequeno mas importante segmento de agregados familiares muito pobres.

Uma razão para esta discrepância pode residir na nossa definição de agregados familiares: usando uma definição *de facto* (“comendo da mesma panela”) em vez de uma definição *de jure* (“vivendo debaixo do mesmo tecto”), os agregados familiares do nosso estudo são significativamente maiores do que os definidos pelo INE, com 91% deles possuindo pelo menos um membro que vive fora da habitação – geralmente a trabalhar na África do Sul.

Em Gaza a proporção de mulheres em funções públicas políticas é relativamente elevada, particularmente aos níveis mais baixos das localidades rurais e bairros urbanos, mas os homens ainda dominam entre as autoridades tradicionais nas áreas rurais.

Enquanto os homens dominam a migração laboral para a África do Sul, que tem o maior potencial para acumulação de rendimento nas áreas em estudo, as mulheres dominam na agricultura e na economia semi-formal e informal.

Os agregados familiares chefiados por homens estão geralmente em melhor situação do que os chefiados por mulheres, em termos de rendimento e consumo, mas tanto há agregados familiares muito pobres como relativamente ricos entre os agregados da última categoria, mostrando que as mulheres podem, por si próprias, ganhar rendimentos substanciais.

As mudanças na composição e organização dos agregados familiares tendem a reflectir mudanças na sociedade em geral. Em Gaza, o casamento tradicional e a patrilinearidade foram largamente substituídos pela ‘co-habitação’ e tomada de decisão pelo agregado familiar individual, muito embora o *lobolo* seja ainda particularmente importante no Chókwè rural.

Contudo, a característica mais saliente dos arranjos domésticos em Gaza é a alta proporção de agregados familiares chefiados por mulheres – reflectindo uma combinação da dissolução

das formas tradicionais de casamento (incluindo a poligamia) e da crescente independência económica de muitas mulheres.

As mulheres fazem também sentir cada vez mais a sua presença na educação primária e secundária, e o nível mais alto de educação encontrado nos agregados familiares chefiados por mulheres é geralmente mais elevado do que nos chefiados por homens.

Dito tudo isto, o processo para um maior empoderamento das mulheres em Gaza tem um preço: as mulheres são mais fortemente atingidas pela pandemia do HIV/SIDA com uma alarmante percentagem de 30% atacada pelo vírus em Gaza, e até 40% em áreas específicas particularmente vulneráveis.

O estudo pode ser resumido com a afirmação enfática “Uma mulher não deve mandar quando um homem está presente” que reflecte uma situação em que os homens insistem na sua contínua ‘superioridade’ quando as mulheres são cada vez mais independentes – com excepção das mais pobres, que tendem a ser marginalizadas como pobres e como mulheres.

## 2. Antecedentes

### 2.1 História

A província de Gaza fica localizada no sul de Moçambique (ver o Mapa 1), e tem uma população de 1,2 milhões de habitantes (INE 2009). Faz fronteira para Este com a província de Inhambane e o Oceano Índico, para Norte com a província de Manica, para Sul com a província de Maputo e para Oeste com a África do Sul e Zimbabwe. Os primitivos povoados da província datam do Século III, mas a origem étnica específica da população permanece incerta. O sul de Moçambique foi historicamente dominado por diversos subgrupos culturalmente relacionados com os Ngoni e os Xhosa, e os grupos estabelecidos em Gaza foram designados de modo variado por ‘Tsonga’ e ‘Shangaana’. A área era governada pelo reino de Gaza e a sua população era patrilinear, sendo a agricultura (dominada pelas mulheres) e a produção pastoril (dominada pelos homens) as suas principais fontes de subsistência e rendimento (Newitt 1995).

Embora tendo ‘descoberto’ Moçambique no fim do Século XV, os Portugueses apenas se fixaram no sul da colónia no fim do Século XIX. Estabeleceram solidamente a sua presença na bacia do Rio Limpopo, onde a província de Gaza se localiza, através do trabalho forçado (*chibalo*) e de grandes propriedades privadas, ou *colonatos*, baseadas na irrigação a partir do Rio Limpopo. As actividades agro-industriais na província foram prosseguidas depois da independência em 1975 pelo governo da Frelimo, que declarou o Vale do Limpopo como o ‘celeiro da nação’ (Hermele 1986). A produção, porém, recebeu diversos golpes com a falência da grande sociedade agrícola Complexo Agro-Industrial do Limpopo (CAIL); com o problemático e improdutivo esquema de aldeamentos da Frelimo; e com a ‘liberalização’ da comercialização agrícola no seguimento das iniciativas do Banco Mundial no princípio dos anos 1990 (Hanlon 1996).

Todavia, foi a proximidade da cidade de Lourenço Marques (mais tarde Maputo) estabelecida em 1876 e a migração laboral para a África do Sul (a partir dos anos 1870) que mais profundamente influenciou o desenvolvimento da província de Gaza. Maputo, localizada apenas a 210 km da capital provincial Xai-Xai, atraiu principalmente a mão-de-obra masculina para trabalhar no porto marítimo e no caminho de ferro para Johannesburg, e incorporar eficazmente a província de Gaza no que veio a ser o centro político e económico do país. As empresas de migração laboral, como a WENELA, também recrutavam homens, principalmente para a África do Sul, que assim obtinham uma nova fonte de rendimento, independência e estilo de vida – muito embora a maioria dos trabalhadores nas minas e na agricultura recebessem salários relativamente baixos.

No que diz respeito ao género, os patrilineares Tsonga caracterizavam-se pelo domínio sócio-cultural da linhagem masculina e dos homens (Sheldon 2002). O sistema de ‘preço da noiva’ (*lobolo*), tradicionalmente pago em gado, ligava firmemente uma mulher ao seu marido – realçada pelo padrão de residência *virilocal* e pela tradição de ‘casamento da viúva’ (*levirate*) em que uma mulher tem de casar com o irmão de outro parente do seu falecido marido. A poligamia era também comum, e o número de esposas reflectia a riqueza e o poder do marido. As mulheres faziam praticamente todo o trabalho agrícola e doméstico, enquanto os homens trabalhavam principalmente como proprietários de gado, nas *fazendas* Portuguesas e, em número crescente, como migrantes laborais. A posição das mulheres na sociedade era firmemente instituída através de elaborados ritos de iniciação, em que as raparigas eram instruídas sobre sexualidade e a conduta adulta adequada pelas mulheres mais velhas (*nyambutsi*). As mulheres tinham influência em assuntos espirituais relacionados com a terra e produtividade e havia casos de mulheres em posições importantes nas comunidades locais,

mas os homens tinham o controlo político, económico e nas suas relações com as mulheres (Young 1977).

A história continuada de Gaza, no que se refere ao género, é fortemente a de uma discrepância entre um sistema sócio-cultural que define a supremacia masculina e os desenvolvimentos no terreno que davam crescentes responsabilidades *de facto* às mulheres. O processo duplo de migração laboral masculina para a África do Sul e de migração urbana para Maputo significou que as mulheres que ficavam para trás tinham mais e mais responsabilidades e cargas de trabalho mais pesadas. Em Gaza, em algumas comunidades três em cada quatro homens aptos estavam ausentes no auge da migração laboral nos anos 1960.<sup>4</sup> Os chefes encorajavam a migração laboral porque podiam reclamar parte do rendimento do migrante, e ir para a África do Sul tornou-se um importante ‘rito de passagem’ para os homens jovens (Newitt 1995).

As fontes históricas revelam histórias de mulheres que ficavam para trás e que executavam praticamente todo o trabalho agrícola; aumentando a venda da produção agrícola e de outros bens para ganharem dinheiro; e tomando conta de tarefas habitualmente masculinas, como o pastoreio e trabalhos de construção. Ao mesmo tempo, as mulheres estavam de facto proibidas de migrarem para as cidades e para a África do Sul pelas leis do passe Portuguesas e pelas políticas de recrutamento para as minas da WENELA (Newitt 1995). No limitado número de casos em que mulheres solteiras migravam para Maputo e para a África do Sul – o que formalmente apenas era possível com a aprovação de um familiar masculino – envolviam-se principalmente em actividades económicas informais como o fabrico de cerveja; frequentemente vinham a ser consideradas ‘raparigas perdidas’ ou prostitutas; e tornavam-se geralmente mães solteiras conduzindo vidas muito difíceis (Isaacman e Isaacman 1983; Sheldon 2002).

A separação dos agregados familiares veio a representar um pesado tributo para as relações domésticas de muitos deles. Diversos historiadores sociais referem-se a relações forçadas quando os maridos voltavam depois de meses ou anos de ausência e não encontravam as suas habitações e machambas nas condições que esperavam (Sheldon 2002). As mulheres, pelo seu lado, eram infelizes com o que viam como retornos económicos limitados dos seus maridos. Muitos homens usavam também a sua riqueza para adquirirem mais mulheres (o *lobolo* era cada vez mais pago em dinheiro, bens ou ouro, em vez de gado) ou amantes, o que diminuía a influência da primeira mulher ou da mulher mais velha nos seus agregados familiares.

Enquanto a grande maioria das mulheres na Gaza rural se encontrava em circunstâncias muito difíceis, algumas mulheres escapavam às dificuldades da Gaza rural mudando-se para centros urbanos ‘locais’ como a *Vila Trigo de Morais* (agora Cidade de Chókwè) e a *Cidade de João Belo* (agora Xai-Xai). Em ambos os locais criaram-se a partir dos anos 1950 algumas oportunidades de emprego para as mulheres, principalmente com o estabelecimento de fábricas de caju. Nos centros urbanos de Gaza as mulheres envolviam-se também na economia informal, particularmente depois do colapso das agro-indústrias a partir dos anos 1980 e das fábricas de caju desde o princípio dos anos 1990 (Urdang 1989; Hanlon 1996).

A última década caracterizou-se por mais mudanças económicas e sociais. Para sublinhar o drama de Gaza, a província foi excepcionalmente atingida pelas cheias de 2000 quando a inundação do Rio Limpopo colocou grande parte da província (incluindo a cidade do Xai-Xai) debaixo de água e afectou directamente grande parte da população (Christie & Hanlon 2001). E a migração laboral tornou-se forçada. O emprego nas minas da África do Sul é cada vez mais difícil de obter (IOM 2007) e a maior parte dos homens de Gaza que vivem actualmente na África do Sul são migrantes ilegais que têm empregos mal pagos na agricultura nas províncias do Limpopo e de Mpumalanga ou na economia informal em

---

<sup>4</sup> Nos anos 1960 Moçambique tinha um número oficial de 102.000 migrantes a trabalhar nas minas da África do Sul, contra 78.000 em 1920 e 57.000 em 2000 (IOM 2007).

Johannesburg e outras cidades (Muanamoha 2007).<sup>5</sup> O constante movimento de homens é também uma razão de peso para o facto de, em certas partes da província, 43% da população adulta estar infectada pelo HIV-SIDA (ver abaixo).

Ao mesmo tempo, as mulheres continuam a ter pesadas responsabilidades na agricultura e a serem fundamentais para a economia informal – onde dominam o pequeno comércio local bem como o comércio mais distante que as traz para Maputo e para a África do Sul. O efeito combinado da relativa independência económica das mulheres por um lado, e a urbanização, migração e o HIV-SIDA por outro, são a chave para entender o facto de que Gaza tem a mais alta proporção de agregados familiares chefiados por mulheres em Moçambique, com 53% (INE 2009). As implicações da aparente contradição entre um sistema sócio-cultural patrilinear fortemente patriarcal e o importante papel sócio-económico das mulheres constituirão o tema central das próximas páginas.

Antes de encerrar esta secção, apresentaremos a forma como as relações de género históricas e a posição das mulheres foram resumidas em grupos focais respectivamente no Chókwè rural e no Xai-Xai urbano. Os grupos focais dão claramente a impressão do estatuto e papel inferiores das mulheres, não só em termos políticos e económicos mas também nas suas relações diárias com os homens.

**Caixa 1: Relações de Género Históricas, tal como são Vistas pelas Comunidades**

**Chókwè rural:** Homem e mulher podiam trabalhar juntos na *machamba*, mas depois do trabalho, a mulher ainda tinha que ir acarretar água e cozinhar – Após a *machamba*, a mulher tinha que ter o almoço pronto. Se demorava levava porrada da parte do marido – Mulher tinha que levar os bois para a *machamba* enquanto que o homem apenas fazia controlo sobre o trabalho dela – Homem podia dar porrada à mulher se achou que ela não tinha trabalhado o suficiente – Antigamente, homem bebia muito; começava logo de manhã. Depois foi controlar o trabalho da mulher na *machamba* e depois voltou para beber. Ao anoitecer controlava o gado no curral – Homem comprava roupa para si próprio na África do Sul enquanto que ele mandou fazer roupa de saco de farinha para a esposa – O homem não comprava capulanas. Mulher tinha que amarrar bebés na pele de animal – O homem decidia de tudo. Decidia o que e quando se comia – Havia poucos casos de homens com uma mulher só. Por norma tinham mais de uma mulher. Era comum que todas as mulheres vivessem na mesma casa – Foram os pais das meninas que ofereceram as filhas aos homens que tinham muito gado (i.e. casamento) – A mulher comia na cozinha, o homem na mesa.

**Xai-Xai urbano:** Mulher inferiorizada em relação ao homem – A mulher era agredida física e psicologicamente pelo homem – A mulher só podia fazer filho se fosse casada, as mães solteiras não eram bem vistas pela comunidade – Antigamente não existiam leis que protegiam as mulheres – Ao chegar em casa, a mulher ia recebê-lo e o marido dava a bengala e o chapéu para a mulher carregar – As mulheres iam buscar água muito longe de casa e os homens não as ajudavam – As mulheres eram submissas em relação às sogras, uma vez que eram estas que tomavam conta da casa quando os maridos (filhos) iam trabalhar nas minas da África do Sul – Quando o marido regressava da mina, parava primeiro durante uma semana na casa dos seus pais e deixava todo o dinheiro com a mãe. A esposa tinha que pedir à sogra para lhe dar dinheiro – As mulheres não conversavam com os maridos sobre os problemas que afectavam a casa, todos os problemas da casa tinham que ser canalizados aos sogros e eram estes que por sua vez faziam chegar aos seus filhos – Os homens não contribuíam com as actividades domésticas – Não era permitido que as mulheres trabalhassem fora de casa para além do trabalho na *machamba* da família; “*não ficava bem mulher e homem, os dois, terem dinheiro*” – A mulher não podia ir à escola, devia ficar em casa para aprender a cozinhar e outras actividades domésticas antes de se casar.

<sup>5</sup> Muanamoha (2007) declara que em 2007 trabalhavam legalmente na África do Sul 75.000 Moçambicanos, enquanto que só nas províncias do Limpopo e de Mpumalanga trabalhavam 145.000 ilegalmente.

## 2.2 Contexto Político e Económico

Gaza tem uma população de 1,2 milhões de habitantes, dos quais 55% são mulheres, dando um índice de masculinidade de 80% contra uma média nacional de 91% (INE 2009). Este é o rácio homem/mulher mais alto do país. A densidade populacional é de 16 por km<sup>2</sup>, variando de 1 por km<sup>2</sup> no distrito de Chicualacuala a 396 por km<sup>2</sup> na capital provincial Xai-Xai. As estruturas administrativas de Gaza estão organizadas aos níveis de Província, Município, Distrito, Posto Administrativo, Localidade e Aldeia ('Povoado'). A província tem 11 distritos (Bilene Macia, Chibuto, Chicualacuala, Chigubo, Chókwè, Guijá, Mabalane, Mandlakazi, Massangena, Massingir e Xai-Xai) e 5 municípios (Xai-Xai, Chókwè, Chibuto, Bilene e Vila de Mandlakazi).

Politicamente a província foi, e é, fortemente dominada pela Frelimo. O partido obteve 96% dos votos nas Eleições Presidenciais de 2009 e 97% dos votos na eleição Parlamentar do mesmo ano. A participação eleitoral de 61,4% é também excepcional sendo a mais elevada do país (a média é de 45%) (EISA 2010). A estreita associação entre o partido e o estado é alimentada por Gaza ser o local de nascimento de alguns proeminentes líderes da Frelimo, incluindo Eduardo Mondlane, Samora Machel e Joaquim Chissano, e indicada pela aberta ostentação dos emblemas do governo e do partido em diversas repartições públicas que visitámos.<sup>6</sup>

As autoridades tradicionais, em parte devido à história da Frelimo e ao seu contínuo domínio na província, desempenham um papel menos proeminente do que em outras partes do país – onde constituem importantes canais de controlo e comunicação com a população (ver Tvedten, Paulo e Tuominen 2009). Isto é realçado pelo uso consistente de termos formais ou 'politicamente correctos' para esses líderes (*secretários, líderes comunitários, etc.*), em oposição às partes norte e centro do país onde os títulos tradicionais (*régulo, saguta, cabo, etc.*) são ainda bastante usados.

A representação política das mulheres é relativamente alta em Gaza reflectindo, pelo menos parcialmente, a história das crescentes responsabilidades das mulheres e os objectivos de igualdade de género declarados pelo governo da Frelimo – muito embora os homens ainda tendam a ter as posições mais elevadas (Tabela 4). As mulheres ocupam alguns lugares importantes, incluindo o de presidente do Município do Xai-Xai e o de chefe do Posto Administrativo de Macarretane no Chókwè, que constituem os focos geográficos deste relatório. Em termos do número total de funcionários públicos, as mulheres representam 31% o que é elevado em comparação com outras províncias. Dito isto, há formalmente um total de 454 líderes tradicionais de 1º e 2º escalão reconhecidos em Gaza. Destes líderes tradicionais apenas 7% são mulheres, o que reflecte a história altamente patriarcal das autoridades tradicionais na área (Tabela 5).

---

<sup>6</sup> Uma interessante implicação deste aspecto foi a forte 'disciplina partidária' que encontramos ao marcarmos reuniões. Não obstante as credenciais do Ministério do Plano e Desenvolvimento, ninguém queria reunir-se conosco antes de terem obtido autorização dos superiores ao nível da província, do município e do distrito. Quando obtínhamos a necessária confirmação, recebíamos todo o apoio e ajuda que pudéssemos solicitar.

**Tabela 4. Responsáveis Governamentais na Província de Gaza, por Sexo**

Posição	Homens	Mulheres	Total
Governador	1	0	1
Secretário Permanente Provincial	0	1	1
Directores Provinciais	9	6	15
Ass. de Directores Provinciais	2	2	4
Delegados Provinciais	2	1	3
Directores Distritais	35	7	42
Administradores Distritais	9	2	11
Coordenadores Provinciais	1	0	1
Secretários Permanentes Distritais	8	3	11
Delegados Distritais	3	1	4
Chefes de Departamento	37	10	47
Chefes de Repartição	28	26	54
Chefes de Secção	28	19	47
Chefes de Posto Administrativo	27	8	35
Chefes de Gabinete	1	0	1
Presidentes do Conselho Municipal	3	2	5
Presidentes da Assembleia Municipal	5	0	5
Total	199	88	287

Fonte: Governo Provincial de Gaza.

**Tabela 5. Autoridades Tradicionais em Gaza por Grau e Género**

Função	Homens		Mulheres	
	1º nível	2º nível	1º nível	2º nível
Líderes tradicionais	138	18	6	1
Secretários	89	113	8	16
'Influentes'	21	44	0	0
Total	248	175	14	17

Fonte: Governo Provincial de Gaza.

A agricultura é a actividade económica dominante na Província de Gaza, sendo o milho, a mandioca, o amendoim, o feijão, a mapira, a mexoeira e o arroz os produtos de subsistência mais importantes (Tabela 6). A amêndoa de caju é uma fonte importante de rendimento, particularmente ao longo da costa. O gado e outros animais domésticos são importantes tanto cultural como economicamente. A pesca é principalmente artesanal e está concentrada nas praias do Xai-Xai ('Chongoene'), Bilene e Dingoine, havendo alguma produção em rios e lagos. O turismo está concentrado ao longo da costa, mas o recentemente estabelecido *Parque Nacional do Limpopo*, santuário de vida selvagem, pode alterar a situação. Como mostrado, historicamente Gaza tinha também uma forte agro-indústria que produzia principalmente arroz, algodão e trigo com algumas fábricas de processamento agrícola. A maioria destas fábricas está actualmente inoperante, mas há empresas comerciais de proprietários Moçambicanos e Sul Africanos que estão a conduzir o que as autoridades chamam 'recuperação gradual' do sector agrícola comercial (RdM 2009).

**Tabela 6. Estrutura de Produção em Gaza, 2009 (em percentagem)**

Sector	2004	2006	2008
Agricultura	63,5	51,9	61,8
Pecuária	0,3	0,4	0,4
Florestas	0,4	0,1	0,1
Pescas	0,3	1,4	1,0
Indústria	0,4	0,3	0
Electricidade e Água	0	0,2	1,8
Comércio	26,1	30,7	20,0
Restaurantes e Hotéis	0	0,1	0,5
Transporte e Comunicação	9,0	15,0	14,3

Fonte: RdM (2009).

De uma perspectiva de género, os três aspectos mais significativos da economia provincial são o papel dominante das mulheres na agricultura, que é vital para o bem estar do agregado familiar; o papel dominante dos homens na migração laboral, que tem o maior potencial de mobilidade social ascendente<sup>7</sup>; e o papel dominante das mulheres na economia informal. O papel central das mulheres na economia semi-formal e informal é evidente quando se visitam os principais mercados no Xai-Xai e no Chókwè onde 95% dos *comerciantes* são mulheres.<sup>8</sup> E numa lista oficial de ‘empresários’ publicada pelo Governo Provincial de Gaza, 120 são mulheres e 20 são homens.

### 2.3 Indicadores Sócio-Económicos

Como indicado na introdução deste relatório Gaza, como província do sul, é caracterizada por indicadores sociais comparativamente bons em termos de educação (como a frequência da escola primária e na taxa de alfabetização de adultos) e saúde (como a mortalidade dos 0 aos 5 anos, mal-nutrição e esperança de vida à nascença – com a importante excepção do HIV/SIDA que actualmente está nos 24%) (Tabela 7). Ao mesmo tempo, a província tem indicadores relativamente pobres em termos de contagem de pobreza baseada no consumo. Isto implica que as pessoas em Gaza não têm sido capazes de transformar as condições favoráveis de educação e saúde em aumento do rendimento e consumo. Além disso, os mais recentes dados disponíveis mostram que a profundidade da pobreza (‘intervalo de pobreza’) e a gravidade da pobreza (‘intervalo de pobreza elevado ao quadrado’) são mais graves nas três províncias do sul (i.e. Maputo, Gaza e Inhambane) do que nas outras partes do país (Banco Mundial 2007).

Dito isto, Gaza (juntamente com Inhambane) é a província com o nível mais alto de igualdade de género, medido pela variação acumulada dos índices de desenvolvimento humano e de género. Ambos os índices reflectem o rendimento, educação recebida e longevidade. Isto é particularmente notável dado que Gaza tem também a mais alta proporção de agregados familiares chefiados por mulheres, com 53,2%, que são geralmente vistos como mais pobres do que os chefiados por homens (INE 2009, ver também Tvedten, Paulo & Montserrat 2008).

<sup>7</sup> Como assinalado acima, uma proporção crescente de migrantes para a África do Sul opera como trabalhadores agrícolas ou na economia informal, onde o salário/rendimento é baixo mas, para os mineiros formalmente empregados os salários e benefícios (como seguro de saúde e reforma) são altos.

<sup>8</sup> Isto está em total contraste com a situação em Nampula, onde 95% eram homens (Tvedten, Paulo & Tuominen 2009).

**Tabela 7. Indicadores Sociais Básicos, Moçambique e Gaza**

<b>Itens</b>	<b>Moçambique</b>	<b>Gaza</b>
<b>Geografia</b>		
Área de terra (km <sup>2</sup> )	799.380	75.709
População (milhões)	20,5	1,2
Densidade populacional (por km <sup>2</sup> )	21,6	16,1
População urbana (%)	28,6	24,9
<b>Características do agregado familiar</b>		
Tamanho médio do agregado familiar	4,8	4,9
Rácio de dependência (%)	99,0	109,3
Agregados familiares chefiados por mulheres (%)	30,9	50,2
<b>Actividades económicas</b>		
População economicamente activa (%)	83	85,5
Emprego próprio / familiar (%)	87,7	88,8
Proporção empregada na agricultura (%)	80,5	83,7
Rendimento mensal per capita (MT)	325	284
Despesa mensal per capita (MT)	324	299
<b>Educação</b>		
Taxa líquida de frequência do ensino primário (%)	81	91
Taxa de analfabetismo masculino (%)	48,7	23,5
Taxa de analfabetismo feminino (%)	68	48,8
<b>Saúde</b>		
Taxa de mortalidade infantil (0-5 anos)	154	165
Taxa de fertilidade total (filhos por mulher)	5,5	5,3
HIV/SIDA (15-49 anos)	11,5	23,5
<b>Indicadores de pobreza</b>		
Contagem de pobreza (%)	54,1	59,7
Intervalo/profundidade da pobreza (%)	19,9	19,9
Gravidade/intervalo de pobreza elevado ao quadrado (%)	9,9	8,8

Fontes: Banco Mundial 2007; INE 2006 e 2009.

Numa entrevista com o Director e três Chefes de Departamento da Direcção Provincial da Mulher e Acção Social, eles concordaram que os três desafios mais importantes para melhorar as condições das mulheres em Gaza eram: i) o emprego formal (porque “dá mais estabilidade e influência”; ii) o combate contra a violência doméstica (porque “viola as mulheres e mantém-nas subordinadas aos homens”); e iii) mais conhecimento acerca dos direitos das mulheres, incluindo a Lei da Família (porque então elas podem “defender-se a si próprias”).

Tendo apresentado o contexto histórico, político e sócio-económico geral de Gaza, terminaremos este capítulo introdutório apresentando os dois locais que escolhemos para o nosso estudo aprofundado das relações de género na província – e que são a capital provincial Xai-Xai (mais especificamente os Postos Administrativos Patrice Lumumba e Marien N'goabi) e o distrito rural do Chókwè (mais especificamente o Posto Administrativo de Macarretane e a aldeia de Punguine). A capital provincial é um centro urbano movimentado com 110.000 habitantes, próximo do grande Rio Limpopo e atravessado pela estrada principal (EN 1) que segue em direcção ao centro e norte de Moçambique. O distrito do Chókwè contém centros semi-urbanos (como Macarretane) que contrastam com aldeias rurais isoladas (como Punguine).

## 2.4 Cidade do Xai-Xai

Aproximando-nos do Xai-Xai a partir do sul, passa-se por uma grande planície antes de atravessar a ponte sobre o Rio Limpopo e entrar na zona baixa que contém repartições públicas, lojas, bancos, empresas transportadoras, mercados (incluindo o enorme Mercado Limpopo) e parques – que, admitamos, já viram melhores dias. Todavia, o grosso da população vive, por uma boa razão, na zona alta da cidade: ao longo da história, as partes mais baixas da cidade, originalmente estabelecida em 1870 sob o nome de Vila João Belo, foram repetidamente inundadas pelo Rio Limpopo, tendo as cheias de 1977 e de 2000 sido as mais graves da história recente (Christie e Hanlon 2001). As partes mais povoadas do Xai-Xai (assim chamada depois da independência em 1975) estão lindamente localizadas em colinas ondulantes, com excepção da Praia do Xai-Xai que é escassamente povoada. Em ambas as áreas, a fraca manutenção tornou muitas das infra-estruturas (estradas, água, electricidade) de fraca qualidade (MdCdX-X 2008).

**Tabela 8.** *Divisão Administrativa e População, Xai-Xai*

<b>Posto Administrativo</b>	<b>População</b>
P.A. Sede	77.398
P.A. Inhamisse	52.910
P.A. Patrice Lumumba	28.823
P.A. Praia	925
Total	160.056

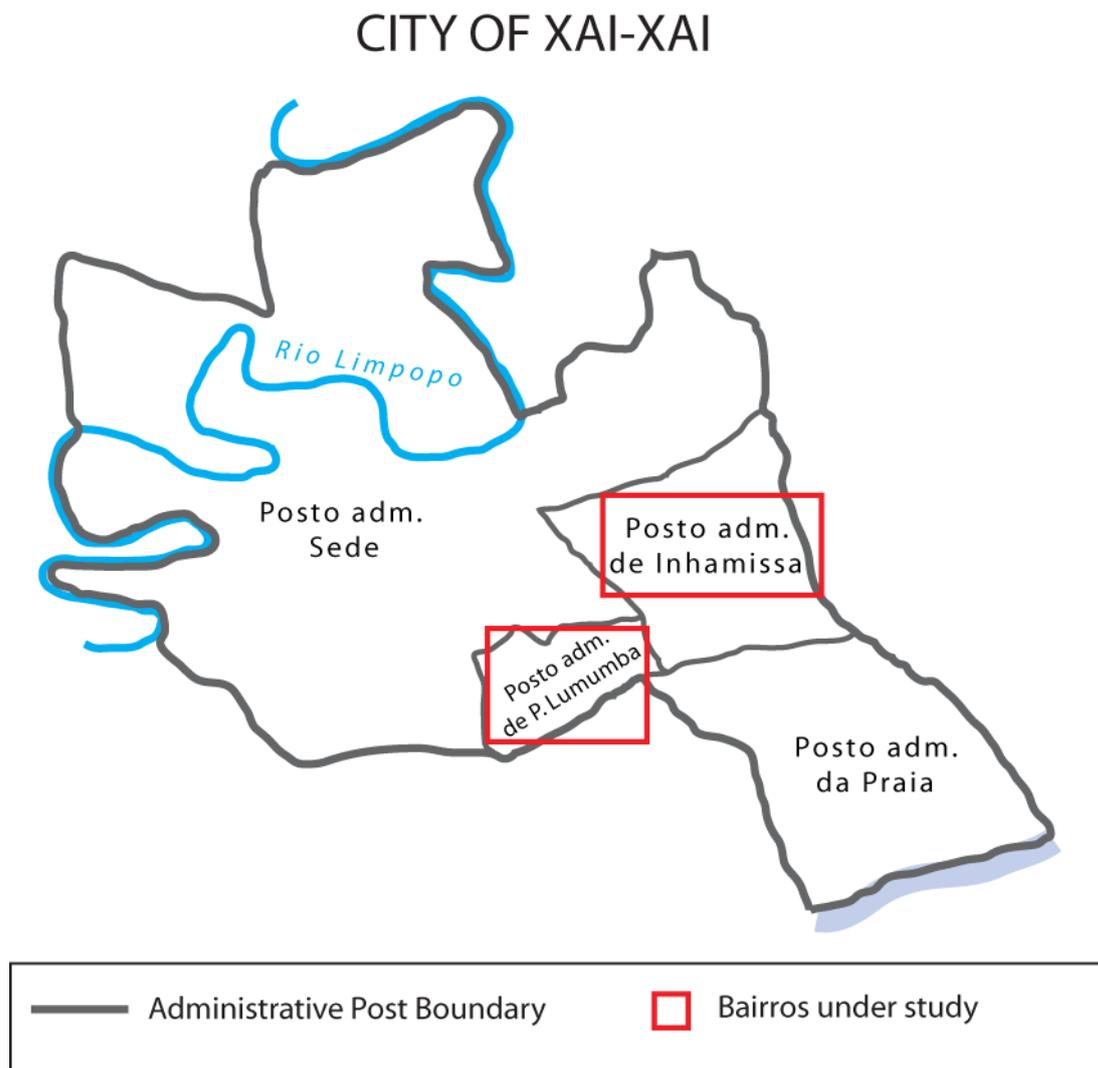
*Fontes:* INE 2009; Administração Municipal, Xai-Xai.

Como se vê no Mapa 2, a cidade está administrativamente dividida em quatro postos administrativos (Posto Administrativo Sede, Posto de Inhamisse, Posto de Patrice Lumumba e Posto da Praia), com cada posto administrativo sub-dividido em bairros, unidades, quarteirões e blocos (sendo o último mencionado equivalente a 10 casas em muitas outras cidades Moçambicanas). De acordo com o governo municipal, o processo de descentralização da tomada de decisões e da responsabilidade está ainda em curso. A nossa impressão é que as estruturas administrativas do Xai-Xai estão muito bem definidas, e tivemos poucos ou nenhuns problemas relacionados com os vários níveis durante o nosso trabalho de campo para este relatório.<sup>9</sup>

O município ou autarquia do Xai-Xai foi estabelecido em 1998, como parte da política de descentralização do Governo. A actual presidente (Rita Bento Muianga) foi a primeira mulher eleita para esse cargo em Moçambique, tendo vencido com 96,2% dos votos as últimas eleições municipais (2008). Alguns entrevistados enfatizaram o facto de a senhora Muianga, desde que foi empossada, ter activamente trazido as questões de género para a arena pública e debate. Outros órgãos municipais chave são a Assembleia Municipal, com 96,4% dos votos para a Frelimo e 35% dos lugares ocupados por mulheres, e o Conselho Executivo Municipal onde quatro em oito vereadores são mulheres.

<sup>9</sup> Isto está, por coincidência, em agudo contraste com o Município de Nampula, onde efectuámos trabalho de campo para o nosso segundo relatório e onde tivemos grandes problemas para trabalhar (ver Tvedten, Paulo & Tuominen 2009).

Mapa 2



Aos níveis administrativos mais baixos, a proporção de mulheres aumenta à medida que descemos na hierarquia. As mulheres representam dois em quatro Chefes de Postos Administrativos, aproximadamente 60% dos Chefes de Bairro e aproximadamente 70% dos Chefes de Unidade e, de acordo com algumas fontes, ‘praticamente todos’ os Chefes de Quarteirão e Chefes de Bloco são mulheres. A explicação oficial foi que ‘os homens estão ausentes a trabalhar na África do Sul’, mas as próprias líderes locais disseram que os homens não querem pegar em ‘trabalho social não remunerado’. As entrevistas com as líderes eleitas para os níveis mais baixos mostram que elas contribuem com bastante trabalho para a comunidade e assuntos da família e são regularmente consultadas pela população.

Não obstante as fortes raízes históricas dos líderes tradicionais com responsabilidade pelas questões ‘tradicionais’ como resolver conflitos dentro dos agregados familiares, acusações de feitiçaria e ritos tradicionais (Sheldon 2002), há apenas um líder tradicional reconhecido na cidade do Xai-Xai. O líder comunitário é uma mulher que herdou recentemente a posição do seu falecido pai. A carência de líderes tradicionais com raízes e responsabilidades tradicionais parece ser o resultado combinado, por um lado, da urbanização e ‘modernização’ e, por outro lado, de decisões políticas, mas muitas pessoas (incluindo alguns funcionários do estado) argumentaram que seriam necessários mais líderes desses para lidar com muitos dos problemas sociais dos bairros.

Em termos económicos, o Xai-Xai é uma cidade muito ‘rural’, com 70% da população envolvida na agricultura (INE 2009). Muita gente está também envolvida em actividades de economia informal, organizadas principalmente à volta do maior mercado informal no centro da cidade (*Mercado Limpopo*) e de mercados mais pequenos em cada um dos bairros. O Xai-Xai ostenta também lojas de comida, vestuário e outros artigos, bancos, hotéis, restaurantes e indústria ligeira, com algumas oportunidades de emprego principalmente para os mais bem habilitados. Muitas das grandes indústrias, como as fábricas de caju, arroz e refrigerantes e os produtores de óleo de cozinha e de sabão, estão pelo menos parcialmente paralisadas após anos de negligência, guerra e cheias. O principal empregador formal é o estado, através dos governos Provincial (Gaza), Distrital (Xai-Xai) e Municipal (Xai-Xai), bem como através das instituições de educação e saúde.

Em termos económicos globais, porém, a migração laboral para a África do Sul e Maputo e a economia informal são mais importantes para a economia local e para o bem-estar da população do Xai-Xai. A primeira é particularmente evidente em Dezembro, quando milhares de migrantes vêm a casa passar o Natal, com dinheiro disponível para gastar.<sup>10</sup> Nos bairros, as pessoas podem facilmente apontar as casas dos mineiros (*madjonidjoni*), que tendem a ser habitações grandes, bem construídas e cheias de cor (com tinta comprada na África do Sul). A importância da economia informal é evidente a partir do espaço partilhado e níveis de actividade nos mercados informais da cidade, que servem não só a população da cidade mas também os muitos carros que a atravessam a caminho do norte.

O Xai-Xai está relativamente bem servido por instalações de educação e saúde (em Gaza, como nas outras províncias, é mais fácil recrutar professores qualificados e trabalhadores da saúde para os centros urbanos do que para as comunidades rurais). Das nossas entrevistas com pessoas destas instituições ressaltaram duas características: nas escolas, as desistências são mais comuns entre os rapazes do que entre as raparigas, o que foi explicado pela forte influência que a ‘África do Sul’ exerce sobre a imaginação e planos futuros dos rapazes e das suas famílias. E nas instituições de saúde, as mulheres dominam as filas de espera, as camas dos hospitais e as estatísticas do HIV/SIDA – não só porque as mulheres são mais afectadas,

---

<sup>10</sup> Em relação aos mineiros, a WENELA ainda pratica um sistema em que 30% dos salários dos mineiros são diferidos e pagos quando eles voltam para Moçambique.

mas também porque os homens continuam a procurar explicações alternativas pela pandemia HIV/SIDA e a fugir à responsabilidade para proteção durante relações sexuais.<sup>11</sup>

## 2.5 Distrito do Chókwè

Quando se aborda o distrito do Chókwè e a Cidade do Chókwè no centro do distrito, a sua história como ‘celeiro’ de Moçambique torna-se claramente evidente: extensões enormes de terra fértil estão divididas em retalhos por longos canais de irrigação construídos em cimento. Embora muita da terra sob o sistema de irrigação do Chókwè para a ‘revolução verde’ pareça estar em pousio, há actividades que vão desde pequenas parcelas irrigadas pertencentes a indivíduos (dos quais 30% são mulheres) até aos grandes complexos comerciais com sofisticados sistemas de rega pertencentes a empreendimentos conjuntos entre interesses Sul Africanos e Moçambicanos (Pellizoli 2010). Aproximando-nos da Cidade do Chókwè, torna-se visível uma grande fábrica de processamento agrícola – a fábrica de processamento de arroz MIA – com, pelo menos, alguns sinais de actividade. A cidade parece muito movimentada, com pessoas por todo o lado, mercados informais (incluindo *Senta Baixo*, *Hangane e Muchope*), e diversas lojas, padarias, motéis e bancos. A cidade exhibe também evidências de grandeza passada: as ruas são largas e impressionantes, os edifícios públicos estão bem conservados e um grande parque da cidade ostenta ainda um ‘restaurante’ ao ar livre.

Fora da cidade, o distrito estende-se para ambos os lados da estrada principal com uma mistura de pequenas ‘cidades’ formais e pequenas aldeias distantes (ver o Mapa 3). O Distrito do Chókwè está dividido em quatro Postos Administrativos e oito Localidades (Tabela 9). A população total do distrito soma 214.967 indivíduos, dos quais 102.591 ou 56% são mulheres. Entre os Postos Administrativos, Macarretane é o mais pobre e Lionde é o em melhor situação (DdC 2010).

**Tabela 9.** *Divisão Administrativa e População, Distrito do Chókwè*

Posto Administrativo	Localidades	População
P.A. Cidade do Chókwè	Cidade do Chókwè	61.470
P.A. Macarretane	Macarretane, Machinho, Matuba	32.584
P.A. Lionde	Lionde Sede, Conhane, Malau	50.748
P.A. Xilembene	Xilembene Sede, Chiduachine	69.318
Total		214.183

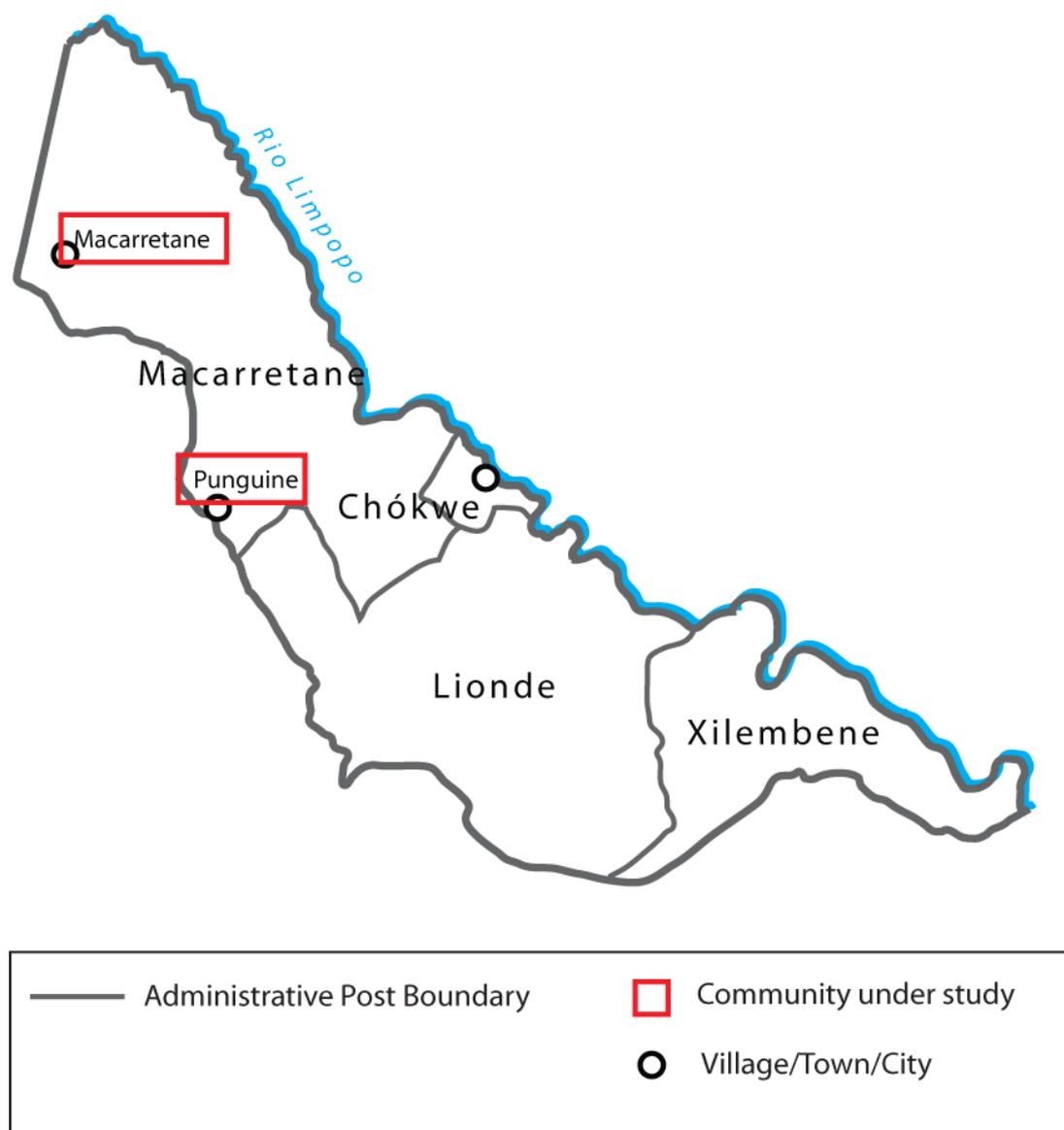
Fontes: INE 2009; Administração do Distrito, Chókwè.

As pessoas do Chókwè dependem da agricultura, produção pastoril, comércio informal, migração laboral para a África do Sul e (para uma pequena minoria) do emprego formal. A cultura do peixe está a crescer em importância, com um total de 55 tanques de peixe ou represas. De acordo com o Plano Estratégico do Distrito (DdC 2010), a população é composta por uma ‘classe baixa’ que consiste principalmente em pequenos proprietários; uma ‘classe média’ composta principalmente por migrantes laborais e funcionários públicos; e uma ‘classe alta’ consistindo principalmente em grandes proprietários de gado e comerciantes (a província cria 25% do gado de todo o país). Ainda de acordo com o Plano Estratégico (DdC 2010), o Distrito é “um dos menos pobres da província de Gaza”, sendo as chuvas irregulares e o HIV/SIDA as razões principais da pobreza e vulnerabilidade.

<sup>11</sup> Foi difícil averiguar a informação quantitativa sobre o número e tipos de escolas e instalações de saúde na Cidade do Xai-Xai: ambos são da responsabilidade da Província de Gaza e/ou do Distrito do Xai-Xai, mas nos seus documentos a Cidade do Xai-Xai não é mencionada como uma unidade administrativa separada (ver MAE 2005).

Mapa 3

## DISTRICT OF CHÓKWE



Deve ser feita uma observação particular sobre o Fundo de Investimento Local do Distrito (OIIL), que em 2009 alocou 8,9 milhões de Meticais a um total de 156 projectos. Destes, 89 eram projectos na agricultura, 33 na produção pastoril e 33 na indústria e comércio de pequena escala. Como se vê na Tabela 10, a proporção de projectos chefiados por mulheres cresceu continuamente desde o início do programa OIIL em 2006. Isto foi explicado pela Administração do Distrito ao referir-se aos projectos iniciados por mulheres como mais 'sérios', e às mulheres como 'melhores a reembolsar fundos'.<sup>12</sup> A tendência para uma diminuição da proporção desses fundos destinada às associações parece ser geral em todo o país (ver Tvedten; Paulo and Rosário 2009), o que, de uma perspectiva de género, é problemático já que é normalmente mais fácil e mais aceitável que as mulheres iniciem projectos colectivos do que individuais.

**Tabela 10.** *Alocação dos Projectos do Fundo Local de Investimento 2006-2009, Distrito do Chókwè*

Ano	Associações	Homens	Mulheres
2006	23	1	-
2007	17	37	7
2008	7	121	50
2009	1	94	61

Fontes: Administração do Distrito, Chókwè.

O Chókwè tem um total de 87 escolas primárias (EP1, EP 2, EPC) e sete escolas secundárias (ESG1, ESG 2). As autoridades do Distrito afirmam que a taxa de admissão é alta, com 93%, e que as raparigas representavam em 2008 a maioria dos estudantes (52% na escola primária e 54% na secundária) (DdC 2010). Além disso, entre os 1.071 professores 51% são mulheres. Na educação de adultos, 89% dos 3.117 indivíduos que em 2008 tomaram parte nestes cursos, nos 58 centros de educação de adultos do Distrito, eram mulheres. Mesmo considerando o facto de que o Distrito tem uma relativamente grande maioria de mulheres, a sua representação na educação é elevada.

O Chókwè comporta um total de 19 unidades de saúde, compreendendo um hospital e 18 centros de saúde dos quais um é do Tipo I, dez do Tipo II e sete do Tipo III. No total existem 323 camas hospitalares, implicando 20.330 habitantes por cama. Os problemas de saúde mais graves no Chókwè são o HIV/SIDA, a malária, a diarreia e a tuberculose. Há também casos registados de cólera. Embora a incidência da malária tenha mostrado um forte decréscimo, de 167.887 indivíduos afectados em 2006 para 86.312 em 2008, como resultado de uma activa pulverização das casas e distribuição de redes mosquiteiras, a taxa de infecção do HIV-SIDA parece subir nitidamente. De acordo com as próprias autoridades do Distrito, 42% da população adulta (15-49 anos) está contaminada pelo vírus (DdC 2010). Esta incidência muito elevada é confirmada numa entrevista que fizemos ao chefe do Centro de Saúde de Macarretane, o qual afirmou que 53% de todos os pacientes adultos que recorriam ao centro eram seropositivos. Não há dados disponíveis sobre a taxa de infecção entre homens e mulheres, mas o pessoal da saúde do hospital declarou que 'a grande maioria' de diagnosticados como infectados são mulheres – embora admitindo, ao mesmo tempo, que é muito difícil convencer os homens a fazerem o teste.

<sup>12</sup> Contudo, a taxa de reembolso é ainda muito baixa: desde 2006, apenas 1,2 milhões de Meticais, de uma alocação total de 31,7 milhões de Meticais, foram reembolsados.

O nosso estudo no Distrito de Chókwè focou-se em Macarretane e Punguine, ambos localizados no Posto Administrativo de Macarretane.<sup>13</sup> Macarretane é o centro administrativo e possui pequenas lojas, mercados informais e edifícios separados para diversas instituições públicas (incluindo o Posto Administrativo, a Polícia e o tribunal local, escola primária e secundária e um hospital). O chefe do Posto Administrativo é uma mulher, que se queixava de ter encontrado oposição quando chegou, mas que “agora está melhor”. As pessoas em Macarretane vivem em dois tipos distintos de instalação: cerca de metade dos habitantes vive em povoações de tipo rural e a outra metade vive em pequenas casas tipo “caixa de fósforos” que foram construídas depois das cheias de 2000. A grande maioria da população possui *machambas* na vizinhança de Macarretane ou na área que teve de abandonar em 2000; muitos agregados familiares têm membros que praticam alguma forma de actividade económica informal; e uma grande minoria tem membros a trabalhar na África do Sul. Administrativamente, Macarretane está dividida em aldeias, bairros, blocos e quarteirões, com tanto mais mulheres em posições de liderança quanto mais se desce na hierarquia.

Punguine<sup>14</sup>, pela sua parte, é uma aldeia relativamente isolada a cerca de uma hora por carro a partir da estrada principal, que se torna quase intransitável na época das chuvas. Muitas pessoas são agricultores ou têm membros da família na África do Sul, e há uma base local muito limitada para actividades económicas informais excepto para alguns equipamentos de carvoaria e padaria que foram recentemente instalados com o apoio de uma ONG. Há uma escola primária (EP1) e um pequeno posto de saúde, mas não há outras instituições públicas. Outra característica especial é o grande número de igrejas na aldeia. Punguine está dividida em blocos, tendo um homem como chefe da aldeia mas sendo dois dos três blocos chefiados por mulheres. Ao contrário de Macarretane, as autoridades tradicionais têm uma forte posição na aldeia e cooperam com as autoridades do estado e do partido. Duas características salientes de Punguine, realçadas pela própria população (ver abaixo), são uma abundância de cobras e uma aguda escassez de água.

Resumindo, a evidência estatística mostra que a província de Gaza tem uma pontuação alta no desenvolvimento humano (i.e. rendimento, educação e longevidade); baixa na pobreza e bem-estar (i.e. a proporção da população abaixo da linha de pobreza baseada no consumo); e alta na igualdade de género (i.e. o índice de desenvolvimento humano comparado com o índice de desenvolvimento do género), quando comparada com outras províncias de Moçambique (INE 2009). A nossa análise histórica e estrutural da Cidade do Xai-Xai e do Distrito de Chókwè mostra uma imagem aparentemente contraditória de uma muito forte tradição patriarcal com um sistema patrilinear de descendência e uma supremacia económica masculina através do controlo do gado e da migração laboral, justaposta a um papel cada vez mais importante das mulheres nas repartições políticas e na economia informal. Duas implicações dramáticas destas ‘contradições’ são uma proporção bastante alta de agregados familiares chefiados *de facto* por mulheres e uma incidência muito grande do HIV/SIDA que parece atingir as mulheres de forma particularmente forte.

---

<sup>13</sup> Os locais foram escolhidos em colaboração com a Administração do Distrito e representam áreas rurais e semi-rurais para contrastar com a cidade do Xai-Xai.

<sup>14</sup> A aldeia foi, de acordo com historiadores locais, estabelecida pelo ‘primeiro Ubisse’ que tinha 14 esposas. Actualmente, metade da população parecia ter o mesmo apelido.

### 3. Género e Pobreza

Dentro do contexto histórico e estrutural mais amplo tratado no capítulo anterior, os homens e as mulheres em Gaza ocupam-se das suas vidas do dia-a-dia a partir da posição sócio-económica em que estão inseridos e através de um conjunto de relações sociais com a família, vizinhos, amigos, instituições comunitárias, o estado, etc. Ao contrário da situação em Nampula, onde argumentámos no nosso relatório anterior que “tradição” e a religião exercem ainda uma forte influência sobre as pessoas (Tvedten, Paulo & Tuominen 2009), Gaza caracteriza-se por uma série de profundas mudanças sociais ou “conjunturas vitais” que desafiam a tradição – como a migração laboral, a proximidade de Maputo como centro urbano do país, a objectificação da agricultura e do comércio e o HIV/SIDA. Nas próximas páginas avaliaremos as implicações destas mudanças sociais nas relações de género e a posição das mulheres no Xai-Xai e no Chókwè – considerando até que ponto as relações de género diferem entre comunidades predominantemente urbanas (Xai-Xai) e predominantemente rurais (Chókwè).

#### 3.1 Práticas Culturais

Começando pelas práticas culturais, as práticas espirituais ancestrais (como a ‘*epapa*’ e a ‘*kupatha*’) são cumpridas por relativamente poucas pessoas em Gaza (Tabela 11). Embora cedendo sob pressão da modernização e do estilo de vida urbano, os espíritos ancestrais/antepassados são ainda importantes para o bem-estar e produtividade de um terço dos agregados familiares. Os espíritos ancestrais são mais comuns no Chókwè rural do que no urbano Xai-Xai, e mais comuns entre os agregados familiares chefiados por homens do que pelos chefiados por mulheres. Os cultos ancestrais estão ligados à patrilinearidade, em que os membros da linha de descendência masculina (i.e. a família do marido/pai) têm particulares responsabilidades pelo bem-estar do agregado familiar.

A importância mais ‘profana’ da patrilinearidade é sublinhada pela prática do *lobolo*, ainda muito comum, a qual tem uma função muito importante em Gaza (grupos focais avaliaram que o *lobolo* é praticado por ‘sete em dez famílias’ no Chókwè e por ‘cinco em dez famílias’ no Xai-Xai). O *lobolo* implica que a família do marido/pai ‘compense’ a família da esposa/mãe pelo seu trabalho e pela ‘posse’ dos seus futuros filhos. As mulheres por quem foi pago o *lobolo* estão em princípio amarradas à família do seu marido, a menos que o mesmo seja reembolsado pela família da mulher – o que é impossível para muitas famílias pobres.

De facto, argumentaremos neste relatório que a contínua importância do sistema de linhagem patrilinear para definir os direitos e obrigações dos homens e das mulheres enquanto maridos e esposas e pais e mães é a razão principal das persistentes disparidades de género em Gaza, não obstante as posições políticas e a relativa independência económica de muitas mulheres em Gaza (ver abaixo).

**Tabela 11.** Práticas de Cultos Ancestrais (*Epapa, Mukutho, Swadaka, Kupatha*) (em percentagem)

Prática o Culto	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	57	23	27	23	33
Não	43	77	73	77	68
Total	100	100	100	100	100

Olhando para a socialização das crianças em relação aos papéis de género, os ritos de iniciação tradicionais quase desapareceram tanto no Chókwè como no Xai-Xai (Tabela 12). A maioria dos poucos agregados familiares que os praticam vivem no Xai-Xai, o que pode ser interpretado como uma necessidade de manter a tradição num ambiente urbano que de outra forma seria ‘caótico’. Tais ritos eram originalmente uma forma de instilar nas raparigas e nos rapazes o conhecimento e práticas acerca dos papéis de género e sexualidade (Sheldon 2002). Sem esses ritos, as questões de género e sexualidade tornaram-se em menor grau uma profunda responsabilidade cultural nas mãos dos mais velhos e são mais instilados nas crianças através da sua educação/socialização dentro do seu próprio agregado familiar, família alargada e comunidade.

Embora as raparigas no Chókwè e no Xai-Xai tendam a gastar muito do seu tempo na esfera e sob a influência da família no domicílio onde têm responsabilidades domésticas, os rapazes tendem muito mais a gastar o seu tempo com amigos e outros colegas desde muito novos e são, por isso, mais facilmente influenciados pelas percepções masculinas populares sobre o que significa ‘ser um homem’ (Loforte 2009). No Chókwè e no Xai-Xai, os pontos de reunião da comunidade – do campo de futebol aos bares locais – estão cheios de rapazes e de homens jovens com poucas, se algumas, raparigas presentes. As pessoas que entrevistámos viam o ‘controlo’ da família reduzida sobre os rapazes e homens jovens e o subsequente meio machista que encontram nas minas e nas quintas da África do Sul, como a razão principal para o que eles vêem como uma ‘quebra’ dos valores da família tradicional e do comportamento sexual dos homens que conduziu à proliferação do HIV-SIDA.

**Tabela 12.** *Ritos de Iniciação Tradicionais Entre os Membros de Agregados Familiares com Menos de 16 Anos (em percentagem)*

Praticam Ritos de Iniciação	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	1	0	8	5	3
Não	99	100	92	95	97
Total	100	100	100	100	100

Pode-se olhar para a importância da religião em Gaza como ‘compensando’ parcialmente o prejuízo da cultura como ‘tradição’. Apenas sete por cento dos agregados familiares da nossa amostra afirmaram não pertencer a uma igreja ou outra congregação (Tabela 13). As pessoas frequentam um vasto número de diferentes igrejas, com a carismática Assembleia de Deus, a igreja Zion e a igreja Católica a registarem o maior número de seguidores.<sup>15</sup> Todas estas igrejas têm um denominador comum: praticamente todos os seus líderes e padres são homens, enquanto a grande maioria das pessoas que frequentam os serviços religiosos da igreja e são activas dentro das congregações são mulheres. Os líderes masculinos de igrejas que entrevistámos explicam isto referindo-se aos ritos da Bíblia, mas reconhecem que ‘sem as mulheres não haveria igreja’, como afirmou um deles. Desta forma, a igreja é outra ‘arena cultural’ que funciona para manter o controlo patriarcal. Uma possível explicação para o grande número de mulheres que ainda vão à igreja é a necessidade que elas sentem de conforto espiritual, mas as mulheres entrevistadas salientaram também que a igreja é uma das poucas arenas sociais ‘públicas’ onde elas se podem encontrar como mulheres (ver Schuetze 2010).

<sup>15</sup> A categoria ‘Outra’ inclui as igrejas Velhos Apóstolos, 12 Apóstolos, Nazareno, Testemunhas de Jeová, Presbiteriana, Sabata, Missão Suíça, Metodista e Fiel de Deus.

**Tabela 13** *Religião mais Comum Praticada pelos Agregados Familiares (em percentagem)*

Religião	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Católica	27	13	13	13	17
Assembleia de Deus	17	37	17	20	23
Zion	20	17	13	20	18
Outra	20	30	53	43	37
Nenhuma	17	3	3	3	7
Total	100	100	100	100	100

Em relação à ‘cultura’ no seu sentido mais amplo de conhecimento do mundo onde vivem as pessoas, a família e os amigos constituem uma fonte particularmente importante de informação para as pessoas do Chókwè rural muito embora muitas tenham também o rádio como a sua fonte principal (Tabela 14). A informação da família e dos amigos tende a centrar-se nos assuntos ‘locais’, enquanto o rádio é importante para orientar as pessoas sobre as grandes questões nacionais – incluindo questões relacionadas com o género como a Lei da Família e as actividades dos representantes eleitos para o Parlamento, Conselho do Distrito e Assembleia Municipal. Os agregados familiares urbanos do Xai-Xai têm geralmente melhor acesso à informação ‘global’, com a maioria deles referindo a TV e o rádio como as suas fontes mais importantes, enquanto uma proporção muito mais pequena cita a ‘família e amigos’ como a sua fonte principal. Embora isto indique um maior rendimento e um melhor acesso aos órgãos de comunicação no Xai-xai, pode também reflectir um grau mais elevado de isolamento social da família e dos amigos. Em ambos os locais, diga-se com justiça, não há diferenças significativas, em termos de fontes de informação, entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres.

**Tabela 14.** *Fonte de Informação mais Importante para os Agregados Familiares (em percentagem)*

Fonte principal	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Rádio	45	31	30	29	34
TV	9	6	53	47	29
Jornais	0	0	8	3	3
Família/Amigos	45	53	10	21	32
Outra	0	9	0	0	2
Total	100	100	100	100	100

### 3.2 Organização do Agregado Familiar

Como realçado nos dois relatórios anteriores desta série, a linhagem e a família alargada têm vindo a perder terreno para o agregado familiar e o indivíduo como unidades chave de socialização e tomada de decisões em Moçambique. Isto está principalmente relacionado com as mudanças na economia política, em que a terra, o gado e outros bens duradouros de poder e prestígio foram ultrapassados pela acumulação individual de rendimento e a resultante ‘coisificação’ das relações sociais. Com isto, mudaram também as bases sócio-culturais das relações de género e a posição dos homens e das mulheres no casamento e na organização do agregado familiar.

Na tradição Shangana/Tsonga em Gaza, o casamento tem sido marcado através do pagamento do *lobolo*, que costumava ser pago com gado. Seguindo a tradição patrilinear, o ritual de casamento transferia a mulher, então sob a autoridade do seu pai, para o controlo do seu marido e da família alargada deste. Uma dimensão deste domínio da família alargada era a

prática comum de herdar a viúva, a qual implica que, no caso de falecimento do marido, a esposa voltaria a casar com um dos irmãos do falecido marido (e.g. Gaspar 2009). Assim, a mulher e os seus filhos permaneciam como parte da família do marido mesmo depois da sua morte.

Um sinal de mudança no casamento e na organização do agregado familiar é que actualmente algumas viúvas conseguem conservar as crianças, a casa e outros bens dos seus falecidos maridos. O facto de uma mulher poder herdar do seu marido implica uma maior estabilidade económica e através dessa mesma estabilidade ela pode conquistar também um maior espaço social. Na Cidade do Xai-Xai havia várias viúvas de falecidos mineiros que tinham voltado a casar fora da família do seu primeiro marido. Os bens herdados faziam delas uma opção de casamento atractiva para muitos homens. Deste modo, os interesses económicos estão a alterar os atributos socialmente desejados de uma noiva; os bens materiais valem mais que a pureza sexual da esposa.

Ao mesmo tempo, as mulheres sem meios económicos ficam frequentemente sem poder nas suas relações com o marido e a sua família. Encontrámos uma mulher cujo marido tinha ido para a África do Sul há dez anos e deixado a mulher e os filhos entregues a si próprios. O marido não contactou a família desde então e a mulher, inicialmente, encontrou abrigo na casa da sua cunhada no Xai-Xai. Todavia, como os anos iam passando, ficou grávida de outro homem e foi posta fora de casa pela cunhada. Os filhos do primeiro marido viviam agora com um tio pelo lado do pai, enquanto a mãe vivia com os filhos do novo parceiro numa dependência pobre de uma casa privada. O pai dos filhos mais novos estava desempregado e não queria casar com ela nem tomar responsabilidade pelas crianças. A fim de se sustentar a si própria e aos seus filhos, a mãe cultivava mandioca num pequeno terreno. Dado que tinha crescido na Beira, não tinha familiares que a ajudassem em Gaza. Ocasionalmente, durante os períodos da colheita, algumas pessoas amigas ofereciam-lhe a oportunidade de trabalhar esporadicamente (*ganho-ganho*) nos seus terrenos, mas não tinha uma fonte regular de rendimento e vivia em pobreza absoluta.

A tradição patrilinear em Gaza está assim afectada de forma crescente pelo ‘modernismo’ e acumulação individual. Isto tem tido algumas implicações importantes na composição, estatuto e papel dos agregados familiares. Antes de mais, 54% dos agregados familiares em Gaza são chefiados por mulheres (Tabela 15). Isto parece estar principalmente relacionado com o hábito da migração laboral, mas reflecte também uma permeabilidade geral das unidades de agregados familiares. Enquanto os maridos migrantes continuavam tradicionalmente a ser os chefes dos agregados familiares, a menos que morressem ou se divorciassem da esposa, uma proporção crescente de mulheres considera-se agora chefes *de facto* dos agregados familiares, dado que os seus homens não as apoiam e/ou cresce a sua independência económica. Na mesma linha, a proporção de agregados familiares chefiados por mulheres é mais elevada no Xai-Xai urbano do que no Chókwè rural, onde veremos que as opções de rendimento próprio são mais limitadas.

**Tabela 15.** *Proporção de Agregados Familiares Chefiados por Homens e Chefiados por Mulheres (em percentagem)*

<b>Chefia do Agregado Familiar</b>	<b>Província de Gaza</b>	<b>Chókwè</b>	<b>Xai-Xai</b>
Agregados familiares chefiados por homens	46	48	44
Agregados familiares chefiados por mulheres	54	52	56

*Fontes:* INE 2009; Governo Provincial de Gaza (estimativas).

De acordo com o nosso estudo, a vasta maioria dos chefes masculinos de agregados familiares é casada (tradicionalmente, formalmente ou informalmente), enquanto a maioria dos chefes femininos de agregados familiares é viúva (Tabela 16). Isto está de acordo com outras partes

de Moçambique e a grande proporção de viúvas está relacionada com as mortes prematuras dos homens e com o HIV/SIDA. Contudo, 13% define-se a si próprio como solteira – frequentemente mães solteiras – o que é mais invulgar (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008). A proporção é particularmente alta no Xai-Xai urbano, onde 30% de todas as chefes de agregados familiares são mães solteiras. Em outras partes de Moçambique as mães solteiras tendem a ser ‘escondidas’ como parte de famílias alargadas, ou porque são efectivamente partes desses agregados familiares ou por causa do estigma ligado à condição de mãe solteira (Tvedten, Paulo & Rosário 2009). Isto indica que o estigma social das mães solteiras prevalece menos em contextos onde o peso da ‘tradição’ é menos pronunciado – como em Gaza.

Olhando mais detalhadamente para a tabela, vemos que no Chókwè apenas 7% dos chefes masculinos de agregados familiares que entrevistámos são divorciados, enquanto esta é a situação de 23% das mulheres. Isto sugere que após um divórcio os homens tendem logo a casar-se novamente, enquanto as mulheres podem permanecer sozinhas como chefes de agregados familiares. Em particular no caso de mulheres pobres com filhos, voltar a casar é ainda difícil. Além disso, 20% das chefes de agregados familiares no Xai-Xai são casadas. É provável que esta alta percentagem inclua viúvas abastadas que voltaram a casar, recuperando assim o estatuto de mulheres casadas, embora tenham mantido a sua posição de chefes de agregados familiares devido ao seu poder económico e à posse da habitação. A alta proporção de mulheres casadas que são chefes de agregados familiares fala-nos de uma profunda rotura na tradição patrilinear.

**Tabela 16.** Estado Civil do Chefe do Agregado Familiar (em percentagem)

Estado Civil	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Solteiro(a)	3	7	13	30	13
Casado(a)	87	7	77	20	48
Separado(a)/Divorciado(a)	7	23	3	3	9
Viuvo(a)	3	63	7	47	30
Total	100	100	100	100	100
<b>Idade Média do Chefe do Agregado Familiar</b>	<b>57</b>	<b>57</b>	<b>46</b>	<b>50</b>	<b>52</b>

A mudança das bases sociais para o casamento e o estabelecimento de agregados familiares em Gaza são ainda sublinhadas pelos tipos de união conjugal (Tabela 17). 46% dos agregados familiares vivem em conjunto ou ‘coabitam’, sem qualquer arranjo matrimonial formal (habitualmente também sem *lobolo*). Isto implica que o agregado familiar é menos estável e se dissolve mais facilmente, dado que há poucos interesses investidos por parte das famílias alargadas envolvidas. A grande proporção de ‘casamentos tradicionais’ no Chókwè reflecte a continuação da importância do *lobolo*, particularmente nas áreas rurais. Conforme observado acima, o *lobolo* é geralmente considerado negativo para as mulheres, já que as amarra a um marido e à sua família. Alguns agregados familiares pobres são também forçados a casar as suas filhas numa idade precoce porque necessitam de dinheiro. Todavia, também encontramos homens, bem como mulheres, que argumentaram que pagar o *lobolo* é positivo porque prova que o homem e a sua família podem cuidar bem da futura esposa e que a valorizam.

**Tabela 17.** *Tipo de União Conjugal do Chefe do Agregado Familiar (em percentagem)*

Tipo de Casamento	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Em coabitação	39	100	52	33	46
Casamento Civil	12	0	22	17	16
Casamento religioso	0	0	9	0	4
Casamento tradicional	50	0	17	50	35

A ‘elasticidade’ da tradição no meio da mudança económica e sócio-cultural é sublinhada pela continuação da prática da poligamia – particularmente no Chókwè rural (Tabela 18). A existência da poligamia é frequentemente explicada com referência à tradição agrícola e à necessidade de mão-de-obra agrícola. Além disso, a poligamia reforça o estatuto social do marido; é um sinal de virilidade e riqueza (Gaspar 2009). No nosso estudo, aproximadamente um quinto dos entrevistados viviam uma relação polígama, sendo a poligamia três vezes mais comum na área do Chókwè do que no Xai-Xai.

**Tabela 18.** *Unidades de Agregados Familiares Polígamos (em percentagem)*

Agregados Familiares Polígamos	Chókwè	Xai-Xai	Total
Só uma esposa	71	90	79
Mais do que uma esposa	29	10	21

Embora as esposas polígamas tenham tradicionalmente uma certa segurança no seu acesso à terra e no seu papel de produtoras agrícolas, achamos que a incapacidade de muitos homens suportarem mais do que uma esposa implica que muitas mulheres se tornem *de facto* agregados familiares chefiados por mulheres, – por vezes até mesmo mais vulneráveis em virtude da sua incapacidade de reembolsar o *lobolo* e adquirir desse modo a independência total. Isto parece prevalecer particularmente entre as mulheres que são formalmente casadas com mineiros que não as visitam e não lhes enviam dinheiro. Parece ser uma prática relativamente comum os homens partirem para a África do Sul à procura de trabalho sem dizerem adeus às suas esposas e famílias. Desta forma, os homens deixam aberta a opção de um dia voltarem no caso de não encontrarem um destino melhor noutra lugar.

Todavia, as relações polígamas *podem* também ser vistas como vantajosas pelas próprias mulheres: no Xai-Xai, encontramos duas esposas de um mineiro que passava a maior parte do ano na África do Sul tomando elas conta das crianças e da casa. Ambas viviam na mesma casa – uma grande casa de tijolo bem pintada, com electricidade e água. Apenas a primeira mulher era oficialmente casada, enquanto a segunda apenas tinha sido *lobolada*, i.e. o marido tinha pago à família dela um preço combinado. As duas mulheres contaram-nos que a primeira esposa seleccionou a segunda depois de o marido ter anunciado o seu plano de ter uma outra esposa. As mulheres entrevistadas não exprimiam nem qualquer vergonha nem perda de estatuto pelo seu arranjo conjugal. A poligamia claramente não era a opção mais desejada mas, para estas duas mulheres, as condições económicas que o marido mineiro lhes podia oferecer foram as determinantes mais importantes quando decidiram sobre o casamento.

Uma prática com implicações significativas – mas pouco discutida na literatura – é a que está ligada aos casos extraconjugais ou amantes. Também neste caso existem explicações tradicionais e contemporâneas. Em muitas partes de Moçambique, o código tradicional exige que uma mulher se abstenha de relações sexuais depois do parto. De acordo com a tradição local em algumas áreas de Gaza, o período de abstinência pode durar entre 3 e 12 meses. Parece ser uma prática geralmente aceite que os homens procurem outras mulheres durante este período (Gaspar, 2009). As relações extra conjugais dos homens com outras mulheres podem acabar em casamento, mas habitualmente os casos deste tipo parecem acontecer com a

aceitação (silenciosa ou não) da esposa, particularmente entre as mulheres pobres que não estão em posição de se governarem sozinhas. Para as mulheres que entram em casos deste tipo, os seus direitos quanto a crianças e a bens ser-lhe-ão facilmente retirados. Deparámos com várias mulheres que tinham deixado a casa sem conhecimento do paradeiro dos seus maridos. Embora algumas destas mulheres permanecessem em casa esperando fielmente pelo possível regresso dos seus maridos, outras envolveram-se com outros homens e encontram-se na situação de os seus direitos sobre os seus filhos não serem claros .

Os dados acima demonstram a permeabilidade e flexibilidade dos agregados familiares como unidades básicas das organizações sociais. São dados estabelecidos e passam por processos de fissão e fusão, em resposta aos incidentes particulares que ‘despoletam’ a mudança. A Tabela 19 mostra que a média de membros por agregado familiar no Chókwè e no Xai-Xai é de sete membros, sendo muito mais alta do que os 4,9 referidos pelo INE (INE 2009).<sup>16</sup> No Chókwè, 67% dos agregados familiares chefiados por homens têm mais de sete membros, sendo 53% a percentagem equivalente para o Xai-Xai. Os agregados familiares chefiados por mulheres são mais pequenos (sendo as percentagens equivalentes respectivamente de 43% e 37%), mas não de forma significativa. Ao mesmo tempo, há muito poucas unidades de agregados familiares com 1 ou 2 pessoas. Estes são mais comuns entre os agregados chefiados por mulheres do que entre os chefiados por homens – mas ainda raros comparativamente com outras partes do país (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008).

**Tabela 19. Tamanho dos Agregados Familiares (em percentagem)**

Membros do Agregado Familiar	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
1-2	3	10	3	13	8
3-4	17	17	10	17	15
5-6	13	30	33	33	28
7+	67	43	53	37	50
Total	100	100	100	100	100
<b>Tamanho Médio do Agregado Familiar</b>	<b>8,3</b>	<b>6,6</b>	<b>6,8</b>	<b>5,8</b>	<b>6,9</b>

Uma razão principal para o grande tamanho dos agregados familiares, e o seu concomitante potencial de flexibilidade, é a prática comum de ‘dividir’ os agregados familiares num grupo central que permanece no domicílio rural (Chókwè) ou na habitação urbana (Xai-Xai) e em membros a trabalhar noutras localidades. Como se vê na Tabela 20, apenas 9% dos agregados familiares da nossa amostra *não* têm um membro a viver fora da habitação e 82% têm membros a viver noutros países – o que geralmente significa África do Sul.

As nossas discussões de grupo e estudos de caso revelam que os últimos são um grupo variado, tendo alguns membros emprego permanente nas minas, perspectivas de uma boa reforma e contribuem significativamente para o agregado familiar; alguns arranjam trabalho ocasional nas machambas ou na economia informal, com opções muito fracas de geração de rendimento e de apoio; e uma proporção crescente (dado que é mais difícil encontrar emprego e a *xenofobia* na África do Sul está a fazer-se sentir) de membros que se encontram na África do Sul à procura de trabalho, conduzindo vidas muito difíceis com poucas, se algumas, opções de contribuírem positivamente para a ‘panela’ conjunta da casa no Chókwè ou no Xai-

<sup>16</sup> Como assinalado noutros relatórios, a divergência vem principalmente das diferenças de definição de agregado familiar: enquanto o INE usa como a definição *de jure* estipulando que um agregado familiar é composto de membros que vivem debaixo do mesmo tecto e comem da mesma panela, nós usamos uma definição *de facto* segundo a qual o agregado familiar consiste em pessoas que se consideram a si próprias como membros do mesmo agregado familiar e contribuem para/comem da mesma panela.

Xai. Entre os agregados familiares chefiados por mulheres, os membros dos agregados que se encontram na África do Sul tendem a ser filhos (ou mais raramente filhas) que saíram de casa numa idade precoce. Eles podem também ser parceiros que, ocasionalmente, contribuem, mas que não são considerados chefes do agregado familiar, seja devido à sua presença inconstante ou porque as suas contribuições são demasiado curtas para serem considerados chefes *de facto*.

**Tabela 20.** *Membros do Agregado Familiar que Vivem Fora da Habitação (em percentagem)*

Área de residência	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sem membros a viverem fora	10	10	11	5	9
Na comunidade	0	5	5	13	4
No distrito	0	5	9	0	4
Na província	0	0	0	0	9
Noutra província	4	5	23	0	0
Noutro país	96	84	64	88	82

Tomados em conjunto, os agregados familiares no Chókwè e no Xai-Xai contêm uma variedade de membros da família nuclear, alargada e não familiar (Tabela 21). Reflectindo parcialmente o sistema descendente patrilinear, os agregados familiares chefiados por homens contêm uma grande parte de pais, irmãos e irmãs e sobrinhos do chefe do agregado familiar. Ao mesmo tempo, os agregados familiares chefiados por mulheres contêm uma grande parte de netos de 'nenhuma família', o que indica as suas responsabilidades sociais.

**Tabela 21.** *Categorias dos Membros do Agregado Familiar (Relação com o Chefe do Agregado Familiar) (em percentagem)*

Categorias	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Chefe do Agregado Familiar	12	15	15	17	14
Esposo/esposa	14	2	12	4	8
Pai/mãe	1	0	2	1	1
Sogra/sogra	0	1	0	0	0
Irmão/irmã	6	3	8	3	5
Cunhado/cunhada	2	2	2	0	2
Filho/filha	46	38	45	46	44
Enteado/enteada	0	1	1	0	0
Filho do irmão/filha do irmão	2	1	3	3	2
Filho da irmã/filha da irmã	0	6	3	2	3
Filho do filho/filha do filho	3	8	2	8	5
Filho da filha/filha da filha	9	15	4	6	9
Outra/não respondeu	4	9	4	10	7

Olhando finalmente para as relações de género intra-agregado familiar, as mulheres em Gaza são relativamente independentes e têm um poder de tomada de decisões relativamente grande – muito embora tanto os homens como as mulheres insistam que “[uma] mulher não deve mandar quando um homem está presente”. Uma questão crítica é a decisão sobre como deve ser gasto o rendimento do agregado familiar. Muitas pessoas contaram-nos que nos velhos tempos, quando voltavam para casa os trabalhadores migrantes (homens) paravam primeiro na casa dos seus pais onde deixavam com as suas mães tudo o que haviam ganho. Quando a

esposa necessitava de dinheiro para as despesas do agregado familiar tinha de ir ter com a sogra para o obter. Hoje, diz-se que a situação é diferente; a sogra deixou há muito de receber o dinheiro, já que o marido o traz todo directamente para casa. Além disso, actualmente 20% dos que ganham rendimento são mulheres (ver abaixo). Em geral, tanto os ganhadores de rendimento masculinos como femininos partilham os seus ganhos com o resto do agregado familiar (Tabela 22). Apenas no Chókwè, 12% dos membros masculinos do agregado familiar e 6% dos membros femininos do agregado familiar guardam o seu rendimento para eles próprios.

**Tabela 22.** *Rendimento Partilhado com Outros Membros do Agregado Familiar (em percentagem)*

Rendimento Partilhado	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	89	94	100	100	96
Não	12	6	0	0	5
Total	100	100	100	100	100

A participação crescente das mulheres na tomada de decisões é vista também em outros assuntos do agregado familiar. Como se mostra na Tabela 23, as mulheres podem, com bastante liberdade, tomar decisões relacionadas com a saúde e educação das suas crianças – muito embora no Chókwè aproximadamente um terço das mulheres que vivem em agregados familiares chefiados por homens necessitem de consultar primeiro os seus maridos. Isto representa, em geral, uma constatação muito positiva, considerando que as mulheres, se tiverem poder de decisão, tendem a investir mais na saúde e educação do que os homens (INE 2009; Tvedten, Paulo & Montserrat 2008).

**Tabela 23.** *Necessidade de as Mulheres Pedirem Autorização aos Homens para Efectuarem Tarefas Essenciais do Agregado Familiar (em percentagem)*

Tipo de Tarefa	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Não aplicável	3	0	0	0	1
Levar as crianças ao médico	30	3	13	7	13
Matricular as crianças na escola	30	7	20	10	17
Vender produtos no mercado	27	7	33	10	19
Procurar emprego	50	10	40	10	28
Visitar a família	60	10	30	7	27
Ajudar a família	57	10	43	13	31

Dito isto, tanto no Chókwè como no Xai-Xai a autorização masculina é vital em situações em que a mulher precisa de deixar o espaço doméstico para, por exemplo, apoiar e visitar a sua família e procurar emprego. Consequentemente, o crescente poder de tomada de decisão das mulheres aplica-se principalmente na esfera doméstica, enquanto o marido ainda é quem decide em assuntos que envolvem pessoas fora do agregado familiar. Embora a tendência seja similar em ambos os locais estudados, o poder da tomada de decisões das mulheres é um pouco maior no Xai-Xai do que no Chókwè e – logicamente – nos agregados familiares chefiados por mulheres.

Em resumo, há indicações de que o poder patriarcal sobre a organização sócio-económica do agregado familiar está a ser reduzido e que o estatuto e papel da mulher está a tornar-se mais forte tanto no Xai-Xai urbano como no Chókwè rural – com o controlo do rendimento e da riqueza material a determinar de forma crescente a posição social da mulher. Se ela for rica,

casa facilmente, mesmo pela segunda vez. É devido à sua riqueza, ela pode conservar o estatuto de chefe de agregado familiar mesmo quando volta a casar. O destino de uma mulher pobre é menos previsível. Pode casar pela primeira vez, mas se for abandonada ou ficar viúva é menos provável que case novamente.

Nos agregados familiares chefiados por homens, as mulheres estão de forma crescente a tomar parte na tomada de decisões. Parece mais comum que as mulheres decidam sobre o nível de consumo do agregado familiar e sobre os assuntos relacionados com a saúde e educação das crianças, e menos comum que possam tomar decisões independentes que envolvam relações externas. Embora as mulheres, nos agregados familiares por elas chefiados, tenham o maior poder na tomada de decisões, têm todavia a capacidade financeira mais limitada para executarem qualquer decisão (ver abaixo).

### 3.3 Emprego, Rendimento e Despesa

Num contexto sócio-económico ‘coisificado’ como em Gaza (ver o Capítulo 2), todos os agregados familiares dependem de algum tipo de rendimento em dinheiro ou em espécie para sobreviverem no dia-a-dia bem como em alturas de necessidades excepcionais. A Tabela 24 revela a forte dependência da agricultura dos agregados familiares chefiados por mulheres, tanto no Chókwè rural como no Xai-Xai urbano. Muitas mulheres que se consideram ‘desempregadas’ têm também frequentemente alguma espécie de ligação com o sector agrícola. Os agregados familiares, não agrícolas, chefiados por homens dependem principalmente do emprego formal no sector privado, o qual como veremos implica principalmente trabalhar nas minas e propriedades agrícolas da África do Sul. Mais agregados familiares chefiados por homens do que chefiados por mulheres têm a economia informal como sua fonte principal de rendimento, o que, num sector dominado pelas mulheres, implica geralmente trabalhar nos nichos masculinos mais lucrativos como transporte, carpintaria e construção.

Embora a economia informal seja a ‘principal ocupação’ de apenas 7% da amostra, o nosso estudo mostra que uma proporção muito maior está envolvida na economia informal como uma actividade secundária importante. Os nossos estudos de caso revelam ainda que a economia informal é absolutamente vital para muitos dos agregados familiares mais pobres. No Chókwè, alguns dos mais destituídos agregados familiares chefiados por homens sobreviviam cortando ocasionalmente madeira e fazendo carvão que depois vendiam aos comerciantes. E no Xai-Xai, algumas das mulheres mais pobres sobreviviam vendendo pequenas quantidades de produtos agrícolas nas imediações dos mercados municipais formais, como o Limpopo, onde não tinham de pagar pelo espaço e pelas barracas.

**Tabela 24. Ocupação Principal do Chefe do Agregado Familiar (em percentagem)**

Ocupação Principal	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Agricultor	43	70	17	63	48
Emprego formal público	10	0	7	7	6
Emprego formal privado	23	3	30	3	15
Emprego informal	10	7	10	0	7
Emprego ocasional	3	0	0	0	1
Aposentado	7	0	7	0	3
Desempregado	0	17	3	23	11
Outra	3	3	27	3	9
Total	100	100	100	100	100

A importância da agricultura, tanto em cenários rurais como urbanos, é uma característica especial de Moçambique (INE 2004, a publicar em 2010). 82% dos 120 agregados familiares da nossa amostra têm acesso a pelo menos uma machamba, com a proporção mais baixa (73%) encontrada no Xai-Xai entre os agregados familiares chefiados por mulheres (Tabela 25). Isto resulta principalmente de um acesso mais difícil das mulheres mais pobres, sem as necessárias relações sociais, à aquisição de terra (acesso habitualmente feito através da linhagem masculina); sem os meios necessários para adquirirem um pedaço de terra; ou sem a mão-de-obra necessária para realmente limpar e cultivar o solo e produzir. Não considerando os grandes terrenos comerciais no Chókwè (ver o Capítulo 2), a agricultura é geralmente de subsistência, em terrenos relativamente pequenos, sendo o milho, o amendoim e a mandioca os produtos mais comuns. As mulheres executam praticamente todo o trabalho envolvido, e a mão-de-obra contratada (incluindo o *ganho ganho*) não parece ser muito comum. De facto, quando os homens trabalham nas suas próprias machambas ou nas machambas de outros, isso é normalmente um sinal de estarem numa situação familiar sem mulheres ou de extrema pobreza.

**Tabela 25.** Posse de Machamba (em percentagem)

Posse de Machamba	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	80	87	87	73	82
Não	20	13	13	27	18
Total	100	100	100	100	100

Muito embora a agricultura arável seja fundamental para a segurança alimentar, a posse de animais e em particular de gado tem profundas raízes culturais, bem como conotações económicas (Tabela 26). Ter gado é um sinal de riqueza e prestígio, e um meio importante de poupança dado o alto valor de mercado dos bois, vacas e bezerros. 70% dos agregados familiares chefiados por homens no Chókwè têm animais domésticos e o seu próprio gado, e também 45% dos agregados familiares chefiados por mulheres que têm animais domésticos possuem gado. Este último aspecto significa, de acordo com as pessoas locais que entrevistámos, um novo desenvolvimento num contexto cultural onde o gado é fortemente associado aos homens, à masculinidade e ao *lobolo*.

**Tabela 26.** Posse de Animais (em percentagem)

Animal	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Nenhum animal	10	27	77	53	42
Gado	70	45	43	7	47
Cabra	67	73	43	14	56
Porco	4	0	29	14	7
Galinha	59	55	86	64	61
Pato	26	18	14	0	17
Outro	11	0	0	7	6

O acesso ao gado, nas áreas rurais como o Chókwè, não é apenas garantido através da compra mas também por um elaborado sistema de acesso através de pastoreio: os rapazes jovens que trabalham como pastores são muitas vezes pagos na forma de um bezerro, através de um sistema que em outros locais da África Austral é conhecido por *mafisa*. Nas áreas urbanas como o Xai-Xai, a posse de gado é mais 'comercial' e requer mais capital, tanto para a sua

aquisição como para o pastoreio e abate, mas ainda assim 43% dos agregados familiares chefiados por homens têm gado. Só 7% dos agregados familiares chefiados por mulheres, no Xai-Xai, possui gado – sublinhando a necessidade de ter dinheiro em contextos urbanos. Cabras e galinhas são animais domésticos mais comuns, particularmente entre os agregados familiares chefiados por mulheres, mas não têm as conotações culturais e o valor económico do gado.

Com base no rendimento das várias formas de emprego e produção agro-pastoral acima descritas, tanto no Chókwè como no Xai-Xai, as pessoas têm despesas semanais que parecem relativamente elevadas (Tabela 27). Apenas 16% dos agregados familiares declaram rendimentos semanais inferiores a 250 MT, sendo a proporção mais alta (23%) entre os agregados familiares chefiados por mulheres no Chókwè. 30% dos agregados familiares ganham mensalmente mais de 1.500 MT, sendo a proporção mais elevada (43%) entre os agregados familiares chefiados por homens no Xai-Xai. Uma razão importante para tal são as remessas da África do Sul: como vimos, 82% dos agregados familiares do nosso estudo têm pelo menos um membro do agregado familiar nas minas ou nas propriedades agrícolas comerciais da África do Sul. Embora os nossos dados mostrem que varia a proporção deste rendimento, enviado para consumo do agregado familiar (ver abaixo), a empresa WENELA, de recrutamento de mineiros, retém 30% dos salários dos mineiros até irem de licença a casa.

**Tabela 27. Despesa Semanal do Agregado Familiar (em percentagem)**

Despesa em Meticais	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
< 250	10	23	13	17	16
251 – 500	10	23	20	13	17
501 – 750	3	7	7	27	11
751 – 1000	20	10	7	17	13
1001 – 1500	17	17	10	10	13
1501 – 2500	23	17	23	13	19
2501 <	17	3	20	3	11
Total	100	100	100	100	100

As despesas médias semanais entre os agregados familiares do Chókwè e do Xai-Xai são mais altas com a alimentação (680 MT), seguida dos artigos para a cozinha (231 MT), electricidade (177 MT) e transporte (143 MT) (Tabela 28). O material escolar (61 MT), o vestuário (43 MT) e as consultas médicas/medicamentos (32 MT) estavam entre as despesas mais baixas. Enquanto no Chókwè os agregados familiares chefiados por mulheres apresentam, em relação a muitos artigos, despesas mais baixas do que os chefiados por homens, no Xai-Xai acontece o oposto. No Xai-Xai os agregados familiares chefiados por mulheres gastam em média mais do que os chefiados por homens, nomeadamente em alimentação, outros artigos para a cozinha, iluminação (excepto electricidade), produtos de limpeza e transporte. Como os agregados familiares chefiados por homens ganham geralmente mais, isto reflecte uma situação em que os mineiros gastam parte do seu rendimento na África do Sul e alguns investem fortemente nas suas habitações em Gaza como uma forma de ‘consumo de visibilidade’.

**Tabela 28.** *Despesa Semanal Média por Tipo de Produtos (MT)*

Produto	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Comida	962	567	493	700	680
Artigos para a cozinha	140	54	326	404	231
Produtos para iluminação	104	26	29	348	127
Electricidade	50	23	521	112	177
Produtos de limpeza	34	41	34	373	120
Vestuário	28	41	75	26	43
Medicamentos ou médicos	50	20	36	19	32
Material escolar	28	47	93	78	61
Transporte	40	23	155	354	143
Água	11	8	128	96	60
Outro	2	6	7	5	5

O nível relativamente elevado de rendimento do agregado familiar reflecte-se também na posse de bens pelos agregados familiares (Tabela 29). A posse de bens é geralmente alta, e o mais desejado (um telemóvel) e o mais prestigioso (TV) atingem as percentagens de 78% e 51% respectivamente. A posse destes bens "de luxo" é mais elevada no Xai-Xai do que no Chókwè, e mais alta entre os agregados familiares chefiados por homens do que nos chefiados por mulheres. A bicicleta, definida por Hanlon como um importante indicador de pobreza e bem-estar (Hanlon 2008), é possuída por menos agregados familiares do Xai-Xai do que do Chókwè. Isto tem mais a ver com a topografia, distâncias e necessidades do que com o rendimento e os meios económicos em si. Além disso, as bicicletas são, também em Gaza, principalmente uma 'coisa dos homens'. A alta proporção de cadeiras (89% dos agregados familiares tem pelo menos uma) é provavelmente um melhor indicador de riqueza relativa, já que ser capaz de puxar uma cadeira quando se recebem visitas é visto como um sinal importante de prosperidade e hospitalidade.

**Tabela 29.** *Posse de Bens (em percentagem)*

Tipo de Bem	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Rádio	60	33	73	50	54
TV	40	27	87	50	51
Carro	13	3	17	17	13
Bicicleta	67	20	17	13	29
Telemóvel	80	67	93	70	78
Motocicleta	10	0	10	7	7
Barco	3	3	3	7	4
Cadeiras	90	83	93	90	89
Sofá	23	13	57	33	32
Camas	87	80	90	83	85
Arados	93	97	87	87	91
Machete	87	80	63	47	69
Machado	67	60	57	50	58

Em Gaza, como noutras partes de Moçambique, a habitação onde as pessoas vivem é provavelmente o bem mais importante que uma família possui. Uma boa casa representa um sentimento de pertença, prestígio, poupança e segurança e pode ser um bem económico se a habitação for usada para actividades económicas. A larga maioria (87%) dos agregados

familiares no Chókwè e no Xai-Xai possui a sua própria habitação, e 55% construíram-na eles mesmo. Não há grandes diferenças entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres em termos de posse de habitação (Tabela 30). A relativa opulência e alto padrão das habitações é indicada pelo facto de 88% terem telhado de zinco – também aqui sem diferenças significativas entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres.

**Tabela 30.** *Posse de Habitação (em percentagem)*

Dono da Habitação	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Chefe do Agregado Familiar	93	93	76	86	87
Esposa do Chefe do Agregado Familiar	0	7	0	7	3
Pais do Chefe do Agregado Familiar	4	0	7	3	3
Outra pessoa	4	0	17	3	6
Total	100	100	100	100	100

Muito embora a maioria dos agregados familiares do Chókwè e do Xai-Xai pareçam ganhar o suficiente para sobreviver no dia-a-dia, muitos são vulneráveis às mudanças súbitas na composição do seu agregado familiar, como a perda do principal ganhador de rendimento ou despesas súbitas com a educação e a saúde. A proporção de agregados familiares que receberam alguma espécie de apoio externo (i.e. de membros que não fazem parte do agregado familiar) no mês anterior ao do nosso estudo é relativamente baixa (22%) (Tabela 31). A maioria dos que receberam apoio (40% no Chókwè e 23% no Xai-Xai) eram agregados familiares chefiados por mulheres, e receberam apoio principalmente em espécie. Isto pode indicar que os agregados familiares chefiados por mulheres são mais pobres e mais necessitados de ajuda, mas também que têm redes sociais mais desenvolvidas. Todavia, os nossos estudos de caso qualitativos mostram também que as mulheres que são divorciadas ou viúvas se encontram muitas vezes completamente isoladas das famílias alargadas dos seus maridos – bem como das suas próprias famílias alargadas.

**Tabela 31.** *Proporção de Agregados Familiares que Receberam Apoio Externo no Último Mês (em percentagem)*

Tipo de Apoio	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Não recebeu apoio	87	60	87	77	78
Em dinheiro	3	13	3	3	6
Em espécie	7	20	10	10	12
Em dinheiro e em espécie	3	7	0	10	5
Total	100	100	100	100	100

### 3.4 Educação

Foi conferido à educação um papel proeminente nos esforços de Moçambique para reduzir a pobreza (GdM 2005), na assunção de que uma população mais bem educada será mais capaz de obter emprego e de ganhar a vida e estará em melhor posição para dar educação e saúde à próxima geração. O número de escolas e alunos no país aumentou consideravelmente desde meados dos anos 1990, muito embora os estudos mostrem também que a qualidade do ensino e a taxa de conclusão não aumentaram a condizer (Banco Mundial 2007; INE 2009). Em Gaza, observámos que a cobertura por escolas primárias e secundárias é relativamente boa

(Capítulo 2), e que tinham também sido estabelecidas algumas instituições de educação terciária.<sup>17</sup>

A elevada ênfase na educação está reflectida nas Tabelas 32 e 33. 29% dos chefes de agregados familiares da ‘velha geração’, no Chókwè e no Xai-Xai, nunca foram à escola, e 28% apenas fizeram o 1º nível do ensino primário (EP1). Só 3% têm o ensino secundário e nenhum frequentou o ensino universitário. Ao mesmo tempo e comparando com o Xai-Xai, uma muito maior proporção de chefes de agregados familiares no Chókwè nunca foi à escola e uma muito maior proporção de chefes de agregados familiares chefiados por mulheres, comparando com os agregados familiares chefiados por homens, nunca foi à escola.

**Tabela 32** *Nível de Educação do Chefe do Agregado Familiar (em percentagem)*

Nível de Educação	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Nunca foi à escola	33	50	7	37	29
Alfabetizado	13	10	3	3	8
Primeiro nível do ensino primário (EP1)	37	23	30	23	28
Segundo grau da escola primária (EP2)	7	17	33	27	21
Ensino básico	10	0	20	3	8
Ensino técnico	0	0	0	0	0
Ensino secundário	0	0	7	7	3
Ensino universitário	0	0	0	0	0
Total	100	100	100	100	100

A *melhoria* nas oportunidades de educação é indicada pelo facto de que actualmente 90% das crianças em idade escolar frequentam realmente a escola, sendo os números um pouco mais baixos no Chókwè rural (88%) do que no Xai-Xai urbano (92%). Os números do nosso estudo mostram também que as crianças têm o nível mais alto de educação nos agregados familiares (44%), sendo a percentagem mais elevada (53%) nos agregados familiares chefiados por mulheres no Xai-Xai. Como se vê na Tabela 33, 41% dos agregados familiares têm pelo menos um membro em processo de ter, ou que já tem, educação secundária. A proporção é mais baixa no Chókwè rural do que no Xai-Xai urbano, mas deve também salientar-se que no Xai-Xai ela é aproximadamente tão alta entre os agregados familiares chefiados por mulheres como nos chefiados por homens.

**Tabela 33.** *Nível de Educação mais Elevado no Agregado Familiar (em percentagem)*

Nível de educação mais elevado	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Nunca foi à escola	3	10	0	0	3
Alfabetizado	0	0	0	3	1
Primeiro nível do ensino primário (EP1)	30	30	13	10	21
Segundo nível do ensino primário (EP2)	27	30	13	23	23
Ensino básico	40	20	57	47	41
Ensino técnico	0	0	0	0	0
Ensino secundário	0	10	17	17	11
Ensino universitário	0	0	0	0	0
Total	100	100	100	100	100

<sup>17</sup> As instituições de educação terciária incluem escolas públicas - Universidade Pedagógica de Gaza (UP), Instituto Superior e Politécnico do Chókwè (ISPG) e Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo do Chibuto (ESNEC), e privadas - Universidade São Tomás de Moçambique (USTM) no Xai-Xai e Escola Superior de Economia e Gestão (ESEG) no Chókwè. Em conjunto, tiveram mais de 2.500 estudantes em 2009.

Embora isto signifique um desenvolvimento e realização muito importantes, também realça a importância de se encontrar um equilíbrio entre a política estrutural e as condições económicas e as competências e capacidades dos indivíduos (ver o Capítulo 1). Um grande número dos jovens educados em Gaza não pode encontrar um emprego relevante e acaba como trabalhadores não qualificados na agricultura, na economia informal ou na África do Sul. O drama desta situação foi-nos sublinhado numa entrevista que fizemos a um grupo de estudantes da escola secundária do Xai-Xai. Inquiridos acerca dos seus planos para o futuro, todos queriam ser doutores, enfermeiras, advogados, contabilistas, mas à medida que a conversa se prolongou ficou claro que todos estavam mentalmente preparados para agarrar trabalho de menos prestígio mas bem pago, 'pelo menos durante algum tempo' como salientou um dos estudantes.

Olhando mais explicitamente para a educação e género, as Tabelas 34 e 35 abaixo demonstram que é mais provável os agregados familiares, tanto no Chókwè como no Xai-Xai, enviarem as suas filhas à escola do que os seus filhos. A tendência é particularmente forte entre os agregados familiares chefiados por mulheres. O favorecimento das raparigas contradiz a maioria dos dados oficiais (ver e.g. INE 2009), bem como as assunções comuns de que no futuro os rapazes têm mais probabilidades de arranjar emprego e de ter um rendimento e, conseqüentemente, de estar em posição de apoiar os seus pais. Há duas razões principais para o que pode ser visto como uma tendência contrastante em Gaza: uma é que os pais antevêm frequentemente os rapazes/homens como pastores e mineiros, o que não requer educação formal. Isto foi-nos largamente confirmado numa entrevista com o director de uma escola primária do Chókwè, o qual afirmou que não apenas há mais raparigas do que rapazes na sua escola, mas que os rapazes tendem também frequentemente a sair quando têm outras tarefas. Em muitos casos, os rapazes apenas vão à escola quando não estão ocupados a pastorear gado ou outros animais. As raparigas ajudam nas tarefas domésticas e na agricultura, mas parecem integrá-las melhor com a educação. As raparigas são também, ainda de acordo com o director da escola, melhores em termos de concentração e geralmente obtêm melhores notas.

**Tabela 34.** *Rapazes e Raparigas (dos 5 aos 16 Anos) que Estudam – Chókwè (em percentagem)*

As crianças vão à escola?	Chókwè				Total
	AFCH		AFCM		
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
Sim	87	90	83	92	88
Não	13	10	17	8	12
Total	100	100	100	100	100

**Tabela 35.** *Rapazes e Raparigas (dos 5 aos 16 Anos) que Estudam – Xai-Xai (em percentagem)*

As crianças vão à escola?	Xai-Xai				Total
	AFCH		AFCM		
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
Sim	94	97	84	90	92
Não	6	3	16	10	8
Total	100	100	100	100	100

A segunda razão para a maior frequência escolar entre as raparigas do que entre os rapazes parece estar relacionada com uma tomada de consciência da mudança dos parâmetros sócio-

culturais, com o sistema de família alargada a ser pressionado pela 'modernidade' e/ou pobreza e os homens a não serem capazes de, ou a não estarem dispostos a, apoiar as suas famílias com a deterioração das opções de emprego na África do Sul. A tomada de consciência de que as raparigas podem ser a melhor opção de segurança para os mais velhos está reflectida no maior número de raparigas do que de rapazes nas escolas secundárias de Gaza. Na Escola Secundária do Xai-Xai, 65% dos estudantes são raparigas e um director de estudos confirmou-nos que há uma clara tendência não só de mais raparigas frequentarem a escola secundária mas também de as raparigas tenderem a trabalhar mais empenhadamente e obterem melhores notas do que os rapazes.

Embora haja uma maior proporção de rapazes e raparigas que vão à escola, e as raparigas pareçam superar o anterior desequilíbrio de género em termos de alfabetização e aquisição de educação, as raparigas, como vimos, ainda são discriminadas no mercado de trabalho tanto no sector público como no privado. Um dos cenários futuros mais interessantes e importantes de acompanhar numa perspectiva de género será até que ponto a 'feminização' da educação e das habilidades formais, ou o poder patriarcal tradicional e o poder político, conseguirão 'levar a melhor' em termos de oportunidades de emprego.

### 3.5 Saúde

Embora a educação tenha mostrado uma melhoria em termos de quantidade de escolas e alunos em Moçambique, dados nacionais e provinciais mostram uma expansão mais limitada do sistema de saúde embora, como noticiado, com melhorias na qualidade dos cuidados de saúde prestados (UNICEF 2006; INE 2009). No caso de Gaza houve um certo aumento do número de unidades de saúde, e muitas das existentes aumentaram o seu nível de 'Posto de Saúde' para 'Centro de Saúde' (ver o Capítulo 2). Isto significa normalmente pessoal mais habilitado, bem como a inclusão de enfermarias especiais como a de maternidade. Dos nossos locais no terreno, o Xai-Xai tem o sistema de saúde mais desenvolvido enquanto Macarretana tem um Centro de Saúde – embora ainda sem um médico permanente (o mais próximo está no hospital da Cidade do Chókwè).

Reflectindo principalmente a riqueza relativa, mas também o relativamente bom acesso às unidades sanitárias e o grande uso das mesmas<sup>18</sup>, é relativamente baixa a proporção de agregados familiares com membros do agregado doentes no mês anterior ao nosso estudo (Tabela 36), sendo mais alta no Chókwè rural do que no Xai-Xai urbano e entre os agregados familiares chefiados por mulheres do que entre os chefiados por homens, mas não significativamente. Entre os que estavam doentes, a malária é dada como a doença mais comum (Tabela 37). A categoria 'Outra' inclui pessoas que estão 'permanentemente doentes' – o que frequentemente implica HIV/SIDA.

**Tabela 36.** *Proporção de Agregados Familiares com Membros Doentes no Último Mês (em percentagem)*

Membros do Agregado Familiar Doentes	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	13	15	9	14	13
Não	87	85	91	86	87
Total	100	100	100	100	100

<sup>18</sup> O nosso estudo mostra que 93% dos agregados familiares usam apenas unidades de saúde formais, 2% usam os curandeiros tradicionais e 5% usam ambos.

**Tabela 37.** *Tipos de Doença entre os Membros do Agregado Familiar Doentes (em percentagem)*

Tipos de Doença	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Não teve membros doentes	87	85	91	86	87
Malária	42	30	52	55	43
Diarreia	3	15	9	0	7
Tosse	10	15	4	15	11
Dores/feridas	16	12	13	10	13
Outra	29	27	22	20	25
Total	100	100	100	100	100

Todavia, apesar das condições de saúde aparentemente favoráveis, 70% dos agregados familiares viram falecer pelo menos uma criança antes dos 5 anos (Tabela 38, ver também MISAU 2005 para dados comparativos). Não há diferenças significativas nem entre os dois locais de estudo nem entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres. Há três possíveis explicações para a elevada taxa de mortalidade infantil: uma é que a maioria destas mortes são ‘mortes históricas’, do tempo anterior ao desenvolvimento do relativamente bom sistema de saúde desfrutado em Gaza; a segunda é que continuam os problemas na forma como os pais alimentam e se relacionam com as crianças pequenas, que os torna vulneráveis nos seus primeiros anos; e a terceira é a que está relacionada com a excepcionalmente elevada taxa de infecção pelo vírus do HIV/SIDA nas áreas de estudo.

**Tabela 38.** *Agregados Familiares que Sofreram a Mortalidade Infantil (0-5 anos) (em percentagem)*

Número de crianças falecidas	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Nenhuma	37	25	25	29	29
1	26	25	42	29	29
2	21	29	25	29	26
3	16	4	8	0	8
4	0	7	0	14	5
5	0	4	0	0	2
7	0	4	0	0	2
10	0	4	0	0	2
Total	100	100	100	100	100

Isto traz-nos de volta ao HIV/SIDA como a questão de saúde dominante em Gaza. Estudos recentes da África Austral revelam um conjunto de tendências gerais no género do padrão de infecção tendo as mulheres mais probabilidade de serem infectadas do que os homens e com as mulheres jovens (15-29 anos) mais sujeitas ao risco (Kalipini et al. 2009). Isto está geralmente relacionado com os padrões de comportamento sexual dos homens de terem um vasto número de diferentes parceiras, agregados a questões culturais que tornam difícil para as raparigas e mulheres recusarem relações sexuais ou insistirem no uso de preservativos.

Em Gaza, o conhecimento sobre a doença (84,9%) e as formas de a prevenir (47,2%) é mais alto do que a média nacional de Moçambique. Há também diferenças mais pequenas a este respeito entre homens e mulheres do que noutras partes do país, onde as mulheres normalmente estão muito menos informadas do que os homens (INE 2009). As estatísticas mostram contudo que Gaza é a província mais seriamente afectada do país, com uma taxa oficial de 24% contra uma média nacional de 12%. Igualmente significativo é o facto de a

taxa de infecção em Gaza ser muito mais alta entre as mulheres (30%) do que entre os homens (17%) (MISAU 2010). Mostrámos também que o Distrito do Chókwè funciona com uma taxa de infecção local de 43%. A variação interna na província é anormalmente elevada, e o caso do Chókwè pode reflectir o seu estatuto como uma das áreas mais importantes de envio de migrantes para a África do Sul e como corredor de tráfego de e para aquele país.

O nosso estudo não fornece uma base relacionada com os processos sócio-culturais por trás desta taxa excepcional de prevalência do HIV/SIDA,<sup>19</sup> mas estudos recentes dão algumas indicações (IOM 2008; Loforte 2009). Os homens na África do Sul vivem frequentemente vidas difíceis e isoladas, quer nas minas quer como trabalhadores agrícolas, podendo estar durante meses seguidos longe de Moçambique e das suas famílias. Ao mesmo tempo, os estudos mostram que muitos homens tentam estabelecer-se na África do Sul com novas famílias e muitas comunidades de migrantes estão cheias de mulheres que tentam ganhar a vida prostituindo-se. Ambas as situações conduzem facilmente a altos níveis de actividade sexual.

Regressando a Moçambique para passar férias ou semi-permanentemente (estudos mostram também que muitos homens que estiveram na África do Sul continuam a tentar voltar para lá, mesmo depois de terem sido deportados), os homens são confrontados com mudanças consideráveis na estabilidade da família alargada e das unidades de agregados familiares e com mulheres que frequentemente se acostumaram a contar com elas próprias. Nessa situação, em teoria, gastar dinheiro e ter uma vida sexual activa são duas das poucas formas que restam para os homens jovens provarem a sua masculinidade perante os seus próprios amigos e colegas.

Dito isto, os estudos mostram também que ligarem-se aos homens em geral – e, em particular, aos homens com dinheiro – continua a ser uma forma importante de muitas das mulheres mais pobres, sem educação nem perspectivas de independência económica, conseguirem sobreviver e sustentarem-se a si e às suas crianças. O uso de preservativos nestas situações é muitas vezes considerado um sinal de promiscuidade, o que muitas mulheres acreditam que reduzirá as suas opções de obterem pagamento ou presentes e, em última análise, de se casarem.<sup>20</sup>

O verdadeiro desafio para controlar a pandemia do HIV/SIDA, à escala do que se encontra em muitas comunidades de Gaza, é que a doença, ‘por necessidade’, tornou-se normalizada e pouco divulgada. É simplesmente (consciente ou inconscientemente) considerado impossível pelas autoridades públicas, bem como pelas comunidades, referir-se ao facto de que talvez 40% de toda a gente com que nos cruzámos tem uma doença que muito provavelmente a matará num período entre 5 e 10 anos. Mesmo questões pequenas e gerais sobre a doença foram enfrentadas com silêncio ou com um encolher de ombros – claramente indicando que esta não é uma questão para ser discutida em público.

### 3.6 Relações Comunitárias

Argumentámos acima que o clã, a linhagem e as instituições tradicionais perderam muito do seu impacto em Gaza, face à profunda mudança sócio-económica que teve lugar com a democratização, migração laboral, urbanização e ‘modernidade’ – embora sem alterar significativamente a posição dos homens, que ainda dominam a vida política e económica. Embora a ‘tradição patriarcal’ ainda tenha uma forte influência sobre as pessoas, mais no

<sup>19</sup> Uma compreensão profunda da base económica e sócio-cultural do HIV/SIDA requer um estudo a mais longo prazo do que aquele que estávamos em posição de efectuar, a fim de estabelecer a necessária confiança para investigar uma questão como esta.

<sup>20</sup> Um aspecto das relações sexuais que ainda é pouco explorado em Moçambique é a relação – ou a ténue linha – entre a prostituição e o que é considerado pagamento legítimo de favores sexuais.

Chókwè rural do que no Xai-Xai urbano, as mulheres estão em processo de produzir um forte impacto ao nível das comunidades. Isto pode com o tempo constituir uma via para um mais forte impacto sobre a vida política e económica mais formal ao longo do tempo.

Vimos no capítulo anterior que as mulheres estavam em maioria entre os líderes comunitários eleitos, particularmente no Xai-Xai, argumentando as mulheres que os homens “não queriam contribuir para o trabalho social”. As mulheres dominam também outros tipos de associações comunitárias, como associações de proprietários de machambas e de gado e diferentes grupos de poupança. Como se vê na Tabela 39, os agregados familiares chefiados por mulheres e as mulheres participam também, mais activamente do que os agregados familiares chefiados por homens e os homens, em reuniões e discussões ao nível comunitário. A tendência é clara tanto no Chókwè como no Xai-Xai, mas no Xai-Xai urbano a diferença entre mulheres e homens é ainda mais acentuada. O nosso estudo mostra que estas reuniões comunitárias lidam com uma vasta gama de questões sócio-económicas, como a saúde, a agricultura, a educação e o HIV-SIDA. As questões particularmente relevantes para as mulheres, como a Lei da Família e a violência doméstica, são também tratadas nas reuniões comunitárias mas com menor frequência (ver a Tabela 40).

**Tabela 39.** *Participação em Reuniões da Comunidade (em percentagem)*

Participam / não participam	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sim	83	97	67	90	84
Não	17	3	33	10	16

**Tabela 40.** *Tópicos Mais Comuns Tratados nas Reuniões da Comunidade (em percentagem)*

Tópicos mais comuns	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Agricultura	16	20	17	18	17
Eleições	8	6	10	8	8
HIV/SIDA	15	8	13	15	13
Violência doméstica	5	1	5	8	5
Lei da família	1	5	2	8	4
Criminalidade	8	9	13	13	11
Saúde	24	26	13	14	19
Educação	13	16	20	14	16
Outro	9	9	7	4	7
Total	100	100	100	100	100

Os homens e mulheres mais pobres do Chókwè e Xai-Xai “limitam-se a viver sem saber o que comer”; “não têm lugar para viver” e “ninguém os ajuda”, como descreveram alguns informadores. Para eles, as relações dentro da comunidade podem ser vitais para sobreviverem. De acordo com as pessoas que entrevistámos, os agregados familiares pobres chefiados por homens tendem a estar em melhor situação do que os chefiados por mulheres: “Quando uma mulher chefia um agregado familiar, não tem ninguém que a apoie”, explicaram as pessoas na aldeia de Punguine no Chókwè. De acordo com um dos grupos focais realizado no Xai-Xai, os agregados familiares chefiados por mulheres solteiras não têm o respeito da comunidade – particularmente se não forem capazes de cuidar das suas crianças (os agregados familiares chefiados por mulheres viúvas mais velhas e mulheres economicamente fortes são excepções). É também mais provável que os agregados familiares chefiados por mulheres solteiras pobres sejam marginalizados da vida da comunidade, e

podem também ser excluídos de actividades económicas baseadas na cooperação com outras mulheres dado que não se encontram em posição de contribuir com a sua parte.

No que respeita às principais preocupações das comunidades, há uma notável diferença entre o Chókwè e o Xai-Xai (Tabela 41). No Xai-Xai, a principal razão de preocupação, tanto entre os agregados familiares chefiados por homens como entre os chefiados por mulheres, é a falta de emprego. Isto reflecte parcialmente a necessidade de ganhar dinheiro num ambiente urbano, mas a elevada proporção de agregados familiares chefiados por mulheres também reflecte um desejo das mulheres de arranjam emprego. Muitos entrevistados destacaram também as implicações sociais do desemprego, na forma de violência, abuso de substâncias tóxicas e os jovens perderam a fé no seu futuro. A relativamente baixa proporção de agregados familiares no Xai-Xai, quer chefiados por homens quer chefiados por mulheres, que vêem o roubo como o maior problema da comunidade sublinha a avaliação das pessoas de que o Xai-Xai é uma cidade ‘rural’ – em contraste com Maputo que as pessoas nos referiram como “perigoso”.

No Chókwè, a principal preocupação é a falta de água e energia. Na aldeia do Punji a falta de água é um sério problema e a qualidade da água, proveniente de rios distantes, é tão fraca que causa doenças às pessoas (a administração local disse-nos que não podem ser feitos furos devido à fraca qualidade da água subterrânea). A falta de energia foi principalmente realçada pelas pessoas que vivem na Macarretane semi-urbana, argumentando que torna as comunidades menos seguras e que cria dificuldades para as crianças estudarem à noite (aqui o principal problema parece ser a incapacidade das pessoas para pagarem a electricidade). As pessoas no Chókwè estão também preocupadas com o desemprego e as suas implicações, mas a relativamente baixa pontuação reflecte provavelmente o facto de que muitas pessoas são agricultores, e a baixa proporção entre os agregados familiares chefiados por mulheres significa que não se espera que as mulheres trabalhem fora da agricultura. A maior proporção de agregados familiares chefiados por mulheres do que chefiados por homens que vê os roubos e furtos como o motivo principal de preocupação no Chókwè implica que os primeiros são mais sensíveis ao crime.

**Tabela 41.** *Percepção dos Principais Problemas na Comunidade (em percentagem)*

Principais problemas	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Roubo, furto	7	23	13	10	14
Desemprego	37	27	83	87	59
Violência	3	0	0	0	1
Falta de água/energia	43	43	0	0	22
Outro	7	3	3	3	4
Nenhum	3	3	0	0	2

Como ficou evidente nos nossos estudos anteriores desta série, as pessoas têm mais vontade de falar sobre os “problemas da comunidade” do que sobre problemas dentro do seu próprio agregado familiar: como se vê na Tabela 42, 64% dos agregados familiares do nosso estudo afirmam que “não têm problemas”. Dos problemas domésticos que foram mencionados, os três mais comuns eram i) infortúnios económicos e sociais (pobreza, violência doméstica, incapacidade de tomar parte em cerimónias, etc.); ii) desacordos entre vizinhos; e iii) roubos e furtos de bens pessoais. Perante estes problemas, o mediador preferido é ainda o líder local (Tabela 42). No Chókwè, isto implicará normalmente os líderes tradicionais, e no Xai-Xai os chefes (quase sempre filiados no partido) dos bairros, quarteirões ou blocos (ver o Capítulo 2). As mulheres que entrevistámos argumentaram que os líderes tradicionais ou locais tomavam frequentemente o partido dos homens em casos envolvendo homens e mulheres, tais

como a violência doméstica ou sexual. As recentes Lei da Família e Lei Contra a Violência Doméstica não estão ainda fixadas nas instituições tradicionais.

**Tabela 42. Fontes mais Comuns de Mediação de Conflitos Domésticos (em percentagem)**

Fonte de Mediação	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Sem problemas	66	59	64	66	64
Líder local	12	21	11	13	14
Um tio	4	8	7	9	7
Polícia	1	1	3	2	2
Padre/Pastor/imã	5	4	4	2	4
Curandeiro tradicional	1	1	0	0	1
Vizinhos/amigos	3	3	5	2	3
Ninguém a quem falar	1	1	0	0	1
Outra	7	1	5	5	4
Total	100	100	100	100	100

Por último, no que respeita ao nível de satisfação com o desenvolvimento das suas comunidades nos últimos cinco anos, a grande maioria dos agregados familiares chefiados tanto por homens como por mulheres afirmou que as condições melhoraram (Tabela 43). A percepção de melhorias é mais evidente no Xai-Xai, onde mais agregados familiares chefiados por mulheres do que chefiados por homens defenderam que as coisas se tornaram melhores. A juntar às condições sócio-económicas gerais, é provável que isto reflecta também a recuperação gradual das comunidades a seguir às cheias devastadoras em 2000, muito embora diversas comunidades sintam ainda a falta de infra-estruturas básicas. As mulheres destacaram o seu papel mais forte nos assuntos da comunidade e as melhores condições para actividades económicas informais, tanto na comunidade em si como nos maiores mercados do centro da cidade.

**Tabela 43. Percepção das Mudanças na Comunidade nos Últimos Cinco Anos (em percentagem)**

Direcção da Mudança	Chókwè		Xai-Xai		Total
	AFCH	AFCM	AFCH	AFCM	
Melhorou	80	70	90	93	83
Está na mesma	20	27	3	7	14
Deteriorou-se	0	3	7	0	3
Total	100	100	100	100	100

Também no Chókwè, a recuperação das cheias é importante para explicar o alto grau de satisfação com os desenvolvimentos dos últimos cinco anos, particularmente entre os agregados familiares estudados em Macarretane que tiveram de fugir das suas áreas originais e se estabeleceram numa comunidade de reassentamento bem organizada – embora ainda sem melhorias na economia do seu agregado familiar. A proporção mais pequena, no Chókwè, de agregados familiares chefiados por mulheres que pensam que as condições melhoraram, pode estar relacionada com as dificuldades de estabelecer novos contactos e realizar actividades agrícolas dado que os seus terrenos estão muitas vezes localizados longe da área de reassentamento.

Dito tudo isto, a percepção geral das melhorias (e o facto de 85% acreditar que as condições melhorarão mais nos próximos cinco anos) está de acordo com a nossa própria percepção de

comunidades que viram mudanças positivas no bem-estar geral, bem como nas relações de género – sem por isso negar que ainda há muitos desafios pela frente. Em particular, há um aparente fosso em crescimento entre as mulheres (casadas ou solteiras) que possuem as suas próprias fontes de rendimento e, por isso, relativa independência, e aquelas que as não têm. As mulheres mais pobres ou estão susceptíveis à continuação do domínio masculino e marginalização dentro do sistema patrilinear hegemónico, ou são mães solteiras pobres e marginalizadas nas suas comunidades.

Terminamos este capítulo com a apresentação de como as relações de género contemporâneas foram sublinhadas pelos nossos grupos focais no Chókwè e no Xai-Xai. Embora dando claramente uma impressão de mudança e de relações mais iguais, particularmente em termos de participação na economia (ver a Caixa 1 para comparação), os homens ainda têm uma posição dominante nos assuntos intra-agregado familiar – como indicado pela frase “Agora tudo mudou. Só o *lobolo* ficou na mesma”.

### **Caixa 2. Relações de Género Contemporâneas, tal como são Vistas pelas Comunidades**

**Chókwè Rural:** Agora tanto a esposa como as crianças podem sentar-se na mesa com o marido. Esta mudança ocorreu depois da independência – Agora homens e mulheres trabalham da mesma maneira. Trabalham juntos na *machamba* – Trabalho que actualmente é feito só pelos homens: Construção de casa, cortar ramos para vedar a *machamba* – Agora a mulher também pode “pegar no dinheiro”, i.e. ela pode fazer negócio e fazer gestão de dinheiro. Tipicamente ela vende milho, tomate, feijão, amendoim, etc.- A mulher vai vender os produtos na cidade ou então os compradores vêm comprar a casa ou à aldeia – A mulher apresenta o dinheiro ao marido. Juntos decidem o que fazer com o dinheiro – Quando se vende gado, o homem já não decide sozinho mas fala primeiro com a esposa. O dinheiro que se ganha serve para toda a família – Hoje em dia o homem manda dinheiro e comida da África do Sul para a família. Ele compra e traz roupa para a mulher e os filhos – Agora tudo mudou, só o *lobolo* ficou na mesma – Na maior parte dos casos o homem decide sozinho sobre a segunda mulher. Se o marido se casa com mais de uma mulher, ele faz o *lobolo* para cada esposa – Quando há mais de uma mulher, as mulheres todas fazem negócio juntas e juntam os rendimentos – Numa família com várias esposas por vezes acontece que uma das esposas é afastada por desentendimento. Nesse caso, tudo que pertence a ela é dado a ela e ela é mandada embora. Ela vai com os filhos – Às vezes os pais dela podem ajudar – Antigamente os rapazes faziam pastagem e as meninas aprendiam trabalho em casa. Agora todas as crianças estudam.

**Xai-Xai urbano:** A mulher tem liberdade para trabalhar fora de casa, na *machamba* de outras pessoas, no sector público ou no sector privado – Existem leis que protegem os direitos das mulheres – As mulheres já podem ir à escola e desenvolver as suas capacidades – Existem muitas escolas no bairro – Os homens são mais autónomos, fazem muitas actividades sozinhos sem depender das mulheres – Os homens já não têm por costume bater nas esposas; só se “*não há compreensão*”, ou “*se há traição*” – As mulheres participam na gestão do dinheiro do marido; quando o marido volta da África do Sul, apresenta o seu salário à esposa e decidem juntos o que fazem com o dinheiro – As mulheres desenvolveram mecanismos de poupança que lhes garantem aumento de capital e maior segurança financeira (fazem *xitique*) – A falta de emprego leva muita gente a fazer negócio. Tanto homem como mulher pode vender no mercado.

## 4. Conclusões e Recomendações

Iniciámos esta série de relatórios argumentando que há uma curiosa incongruência entre, por um lado, as frequentes generalizações óbvias sobre a desigualdade de género e, por outro lado, uma grande variação e complexidade nas vidas dos homens e mulheres reais. Demonstrámos isso no nosso primeiro relatório (Tvedten, Paulo & Montserrat 2008), examinando os desenvolvimentos históricos e analisando a evidência estatística existente. Isso revelou importantes variações espaciais entre o norte, o centro e o sul do país, bem como entre as formações sociais rurais e urbanas, em áreas importantes como a participação política e económica, organização social, educação, saúde e violência doméstica.

No nosso segundo relatório (Tvedten, Paulo & Tuominen 2009), tomámos os dados quantitativos existentes da província do norte, Nampula, e contextualizámos-os através de investigação qualitativa e participativa no distrito rural de Mossuril e em dois bairros da Cidade de Nampula. O estudo revelou as profundas raízes históricas e culturais/religiosas da desigualdade de género, sendo particularmente pertinente o envolvimento limitado das mulheres na economia e a relativamente baixa proporção de agregados familiares chefiados por mulheres. Observámos mudanças nas relações de género na Nampula urbana, incluindo um maior envolvimento na economia informal e uma base mais complexa para o estabelecimento de agregados familiares chefiados por mulheres – mas a nossa conclusão global foi que há sérias disparidades de género em áreas chave da organização sócio-cultural e independência económica, grandemente sustentadas pela influência da tradição e da religião.

### 4.1 Conclusões

Este estudo sobre Gaza documentou claramente as variações e complexidade das relações de género em Moçambique. Gaza assistiu a profundos processos de mudança sócio-económica, incluindo uma grande migração laboral masculina, uma objectificação e “feminização” da agricultura, um impacto cultural da ‘modernidade’ vinda de Maputo, o principal centro urbano de Moçambique; e uma taxa de infecção por HIV/SIDA muito elevada. As mulheres viram-se com crescentes responsabilidades pela sua manutenção e das suas crianças, e têm também, de forma crescente, desempenhado papéis políticos embora ainda e principalmente aos níveis mais baixos dos bairros e das comunidades da aldeia. As implicações importantes destes desenvolvimentos são uma proporção muito grande, na província, de agregados familiares chefiados por mulheres; um alto nível de participação principalmente na agricultura e na economia informal; e uma quase igualdade de género nas matrículas escolares. Embora se registem ainda diferenças entre as áreas urbanas e rurais, não são tão pronunciadas como as que encontramos em Nampula.

De facto, as principais disparidades de género em Gaza parecem estar principalmente relacionadas com a classe social, estando as mulheres pobres sem independência económica susceptíveis à continuação do controlo sob o sistema patrilinear e a ideologia patriarcal. A contínua importância do *lobolo* e um vasto padrão de relações sexuais – contribuindo para a propagação do HIV/SIDA em Gaza – podem ser vistos como formas de manter o controlo por homens que vêem o seu poder ameaçado pela redução das oportunidades de receita na África do Sul, pela crescente presença de mulheres na política e economia local, e pela proporção crescente de mulheres que estabelecem os seus próprios agregados familiares. Mais especificamente, vimos que:

- Os dados estatísticos disponíveis mostram que Gaza regista um desenvolvimento social (educação, saúde) relativamente alto, com diferenças mais pequenas entre

homens e mulheres do que outras partes do país, como medido pelo Índice de Igualdade de Género.

- Os dados mostram também uma alta taxa de pobreza baseada no consumo, de 59,7% (INE 2004). O nosso estudo não prova este aspecto, antes mostrando níveis razoavelmente elevados de rendimento e consumo tanto nos agregados familiares chefiados por homens como nos chefiados por mulheres – embora com um segmento pequeno mas importante de agregados familiares muito pobres.
- Uma razão para isto pode estar na nossa definição de agregados familiares: usando mais definição *de facto* (“comendo da mesma panela”) em vez de uma definição *de jure* (“vivendo debaixo do mesmo tecto”), os agregados familiares do nosso estudo são significativamente maiores do que os definidos pelo INE, tendo 82% deles pelo menos um membro a viver fora da habitação – geralmente a trabalhar na África do Sul.
- Em Gaza a proporção de mulheres em funções públicas políticas é relativamente alta aos níveis mais baixos dos bairros e das comunidades das aldeias, mas os homens ainda dominam nos cargos públicos mais elevados e entre as autoridades tradicionais nas áreas rurais.
- Enquanto os homens constituem ainda a maior parte dos migrantes laborais para a África do Sul, que tem o maior potencial de acumulação de capital, nas áreas em estudo as mulheres estão activamente envolvidas na agricultura e na economia semi-formal e informal.
- Os agregados familiares chefiados por homens estão geralmente em melhor situação do que os chefiados por mulheres, em termos de rendimento e consumo, mas tanto há agregados familiares muito pobres como relativamente ricos entre os agregados da última categoria, mostrando que as mulheres podem obter receitas substanciais por si próprias.
- As alterações na composição e organização interna dos agregados familiares tendem a reflectir as mudanças na sociedade em geral. Em Gaza, o casamento tradicional tem sido em grande parte substituído por uma individualização das responsabilidades domésticas e pela ‘coabitação’, muito embora o *lobolo* seja ainda largamente praticado e um sinal de controlo patrilinial.
- A característica mais saliente dos arranjos domésticos em Gaza é a alta proporção de agregados familiares chefiados por mulheres – reflectindo uma combinação da dissolução das formas tradicionais de casamento (incluindo a poligamia) e da crescente independência económica de muitas mulheres. Há também sinais de um crescente poder das mulheres na tomada de decisões, dentro dos agregados familiares chefiados por homens.
- As mulheres fazem também sentir cada vez mais a sua presença na educação primária e secundária, e o nível mais alto de educação encontrado nos agregados familiares chefiados por mulheres é geralmente mais elevado do que nos chefiados por homens.
- Dito tudo isto, o processo para um maior empoderamento feminino em Gaza tem um preço: as mulheres são mais fortemente atingidas pela pandemia do HIV/SIDA, com uma alarmante percentagem de 24% afectada pelo vírus em Gaza, e mais de 40% em áreas particularmente vulneráveis.
- O estudo pode ser resumido pela enfática declaração “Uma mulher não deve mandar quando um homem está presente”, reflectindo uma situação onde os homens insistem na sua contínua ‘superioridade’ quando as mulheres são cada vez mais independentes – com excepção das mais pobres, que tendem a ser marginalizadas como pobres e como mulheres.

## 4.2 Recomendações

- Embora em Gaza as mulheres estejam relativamente bem representadas em cargos políticos locais devem ser feitos mais esforços para eleger (seleccionar) mulheres para

posições mais importantes. Além disso, o papel importante das mulheres como líderes comunitárias deve ser mais bem reconhecido e apoiado.

- A migração para a África do Sul continua a ser uma componente central da vida económica e organização social em Gaza, mas muito pouco se sabe das implicações sócio-económicas da crescente importância do emprego informal (e ilegal) na África do Sul, tanto para homens como para mulheres.
- As mulheres ainda desempenham um papel central na agricultura de pequena escala, mas ainda são excluídas das maiores entidades agrícolas (incluindo explorações agrícolas irrigadas) principalmente devido ao sistema de distribuição de terra. Isto devia ser investigado.
- Há poucos constrangimentos 'culturais' ao envolvimento de mulheres na economia informal em Gaza, mas deviam ser feitos mais esforços para promover o seu envolvimento na economia formal que, geralmente, traz retornos mais altos e mais previsíveis.
- A frequência escolar e as realizações educacionais por raparigas e mulheres mostram desenvolvimentos positivos, e no geral as raparigas alcançaram os rapazes. Devem ser tomadas medidas particulares para manter os rapazes na escola, que frequentemente trocam por um futuro incerto como migrantes para a África do Sul.
- O principal problema de saúde em Gaza é o HIV/SIDA, não obstante o conhecimento generalizado das causas e tratamentos da doença. Devem ser feitos esforços renovados para melhor compreender a feminização da pandemia a fim de produzir políticas anti-SIDA novas e mais sensíveis ao género.
- Num contexto em que a 'cultura tradicional' está a perder muito do seu impacto sobre a socialização de rapazes e raparigas, as pessoas devem ser encorajadas a discutir mais abertamente em família as relações de género e a sexualidade, através de vários tipos de campanhas de consciencialização – de preferência com o envolvimento de líderes religiosos.
- A igreja está a tornar-se uma instituição essencial para o conforto espiritual e a orientação social, mas os homens dominam não obstante o facto de larga maioria das pessoas que frequentam a igreja serem mulheres. As igrejas devem ser encorajadas a dar mais posições de liderança às mulheres.
- Embora haja uma clara diferença de geração nas percepções sobre os méritos do *lobolo*, há razões para argumentar que uma ênfase mais forte do que a actual nos casamentos formais limitaria a grande troca de parceiros e o HIV/SIDA.
- A violência doméstica continua a ser um problema sério, à medida que mudam as relações tradicionais entre homens e mulheres, e as intervenções devem centrar-se nos homens e nas suas razões para serem violentos. Deve ser conferida à igreja e aos líderes tradicionais uma particular responsabilidade por este aspecto.
- Embora tenham sido observados avanços importantes no que respeita ao empoderamento das mulheres em Gaza, as mulheres mais pobres continuam a sofrer a dupla coerção do patriarcado e da pobreza. A disseminação de informação sobre a Lei da Família e a Lei Contra a Violência Doméstica deve ser particularmente dirigida a este grupo.

## Bibliografia

- Arndt, Channing, Sam Jones, et al. (2009). *Aid and Growth. Have We Gone Full Circle? Discussion Paper No. 2009/05*. Helsínquia: UNU-WIDER.
- Bourdieu, Pierre (1990). *The Logic of Practice*. Stanford, University Press.
- Canguara, Benedito, M. Azhar Hussain, et al. (2009). *Trends in Agriculture Producers' Income in Rural Mozambique*. Documento não publicado. Maputo, Moçambique.
- Chiconela, Jacinto (2004). *Estimativas e Perfil da Pobreza em Moçambique. Uma Análise Baseada no Inquérito aos Agregados Familiares 2002-2003*. Maputo: Ministério do Plano e Desenvolvimento.
- Christie, Frances e Joseph Hanlon (2001). *Mozambique and the Great Flood 2000*. Oxford: James Curry Publishers.
- CPRC (2009). *The Chronic Poverty Report 2008-09. Escaping Poverty Traps*. Manchester: Institute for Development Policy and Management, The Chronic Poverty Research Centre.
- DdC (2010). *Plano Estratégico do Desenvolvimento do Distrito de Chókwè 2010-2015 (Draft)*. Chókwè: Distrito de Chókwè.
- DfID (2005). *Reducing Poverty by Tackling Exclusion. A DfID Policy Paper*. Londres: Department for International Development.
- DfID (2009). *Revisão de Literatura sobre os Determinantes da Vulnerabilidade e Tendências da Pobreza*. Maputo: Departamento de Desenvolvimento Internacional.
- DNPO (2002). *Mapeamento da Pobreza em Moçambique: Desagregação das Estimativas da Pobreza e Desigualdade aos Níveis de Distrito e Posto Administrativo*. Maputo: Ministério do Plano e Finanças, Direcção do Plano e Orçamento.
- DNPO (2004). *Poverty and Well-Being in Mozambique: The Second National Assessment*. Maputo: Ministério do Plano e Finanças.
- Easterly, William Russel (2006). *The White Man's Burden: Why the West's efforts to aid the rest have done so much ill and so little good*. Nova Iorque: Penguin Press.
- Edelman, Marc e A. Haugerud (2005). *The Anthropology of Development and Globalization. From Classical Political Economy to Contemporary Neoliberalism*. Malden MA: Blackwell Publishing.
- Elbers, Chris et al. (2004). *On the Unequal Inequality of Poor Communities*. Washington D.C: Banco Mundial.
- Espling, Margareta (1999). *Women's Livelihood Strategies in Processes of Change: Cases from Urban Mozambique*. Gotenburgo, Suécia: University of Göteborg, Dept. of Geography.
- Fox, L., E. Bardasi, K. van den Broeck (2005). *"Poverty in Mozambique. Unraveling Changes and Determinants". Poverty Background Paper to the Country Economic Memorandum 2005*. Washington, D.C.: Banco Mundial.
- Francisco, António A. da Silva e Margarida Paulo (2006). *Impacto da Economia Informal na Protecção Social, Pobreza e Exclusão: A Dimensão Oculta da Informalidade em Moçambique*. Maputo: Cruzeiro do Sul.
- GdM (2003). *Agenda 2025. Visão e Estratégias da Nação*. Maputo: Governo de Moçambique, Comité de Conselheiros.
- GdM (2005a). *Government's Five Year Programme for the Period 2005-2009*. Maputo: Governo de Moçambique.
- GdM (2005b). *Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta, 2006-2009 (PARPA II)*. Maputo: Governo de Moçambique, Ministério do Planeamento e Cooperação.
- Hanlon, Joseph (2007). *Is Poverty Decreasing in Mozambique?*, Documento apresentado na conferência inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE). Maputo, Moçambique.
- Hanlon, Joseph e Teresa Smart (2008). *Do Bicycles Equal Development in Mozambique?* Woodbridge, Suffolk: James Currey.

- Hermele, Kenneth (1986). "Contemporary Land Struggles on the Limpopo. A Case of Chókwè, Moçambique 1950-1985." In: *Akut* Vol. 34 pp.1-26.
- INE (2003). *Características Sócio-Económicas das Comunidades Rurais em Moçambique, 2002/3*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2004). *Inquérito Nacional aos Agregados Familiares sobre Orçamento Familiar 2002/03. Relatório Final*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2006). *Inquérito Integrado à Força de Trabalho (IFTRAB 2004/05)*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2009). *Inquérito de Indicadores Múltiplos (MICS) 2008*. Maputo, Moçambique: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2009). *Recenseamento Geral da População e Habitação 2007*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística
- INE (2009). *Trabalhos de Inquéritos Agrícolas (TIA)* Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- IOM (2008). *Briefing Note on HIV and Labour Migration in Mozambique*. Pretória: IOM [International Organisation for Migration] Regional Office for Southern Africa.
- Isaacman, Allen e Jean Hay (1997). *Cotton is the Mother of Poverty. Peasants, Work and Rural Struggle in Colonial Mozambique, 1938-1961*. Portsmouth, NH: Heimemann.
- Isaacman, Allen e Barbara Isaacman (1983). *Mozambique. From Colonialism to Revolution, 1900-1982*. Boulder, Colorado: Westview Press.
- James, Robert C., A. Channing e K. Simler (2005). *Has Economic Growth in Mozambique been Pro-Poor?* Maputo: Ministério do Plano e Finanças.
- Kalipeni, Ezekiel, K. Flynn e C. Pope (eds.) *Strong Women, Dangerous Times. Gender and HIV/AIDS in Africa*. Nova Iorque: Nova Science Publishers.
- Kanbur, Ravi e P. Schaffer (2007). "Epistemology, Normative Theory and Poverty Analysis. Implications for Q-Squared in Practise." Em: *World Development* Vol. 35(2) pp.183-196.
- Kelly, Brendan (2009). *Trends in Child Poverty in Mozambique. A Deprivation-Based Approach*. Documento não publicado. Maputo, Moçambique.
- Lewis, David and Nazneen Kanji (2009). *Non-governmental Organisations and Development* Londres: Routledge.
- Loforte, Ana (2009). "Socio-Cultural Factors: Norms of Masculinity and Femininity in the Context of HIV/AIDS in Mozambique". Em: E. Kalipeni, K. Flynn e C. Pope (eds.) *Strong Women, Dangerous Times. Gender and HIV/AIDS in Africa*. Nova Iorque: Nova Science Publishers.
- MAE (2005). *Perfil do Distrito de Chókwè Província de Gaza*. Maputo: Ministério da Administração Estatal.
- Maximiano, N., C. Arndt e K.R. Simler (2005). *Qual foi a dinâmica dos determinantes da pobreza em Moçambique?* Maputo: Ministério da Planificação e Desenvolvimento.
- MdX-X (2009). *Plano Estratégico do Município de Xai-Xai 2009-2019. Unidos por uma cidade bela, próspera e acolhedora*. Xai-Xai: Conselho Municipal da Cidade do Xai-Xai.
- MISAU (2005). *Moçambique. Inquérito Demográfico e de Saúde 2003*. Maputo: Ministério da Saúde.
- MISAU (2010). *Relatório sobre a Revisão dos Dados de Vigilância Epidemiológica do HIV. Ronda 2010*. Maputo: Ministério da Saúde.
- Moyo, Dambisa (2009). *Dead aid : why aid is not working and how there is another way for Africa* Londres: Allan Lane.
- MPD (2010). *Relatório de Avaliação do Impacto do PARPA II, 2006-2009 (RAI)*. Maputo: Ministério da Planificação e Desenvolvimento.
- Newitt, Malyn (1995). *A History of Mozambique*. Indiana: Indiana University Press.
- Nordstrom, Carolyn (1997). *A Different Kind of War Story*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.

- Norton, Roger (2004). *Visão e Estratégias de Desenvolvimento a Longo Prazo e Suas Implicações no Alívio à Pobreza: O Caso de Moçambique*. Atlanta, Georgia: The Carter Centre.
- Ortner, Sherry (2006). *Anthropology and Social Theory. Culture, Power and the Acting Subject*. Los Angeles: UCLA University Press.
- PAP (2008). *Joint Review: Análise da Pobreza e Sistemas de Monitoria*. Maputo: Programme Aid Partners: (<http://www.pap.org.mz>)
- Paulo, Margarida, Carmeliza Rosário, et al. (2007). 'Xiculungo'. *Social Relations of Urban Poverty in Maputo, Mozambique*. CMI Report 2007:13 Bergen: Chr. Michelsen Institute.
- Pellizzoli, Roberta (2010). 'Green Revolution' for Whom? Women's Access to and Use of Land in the Mozambican Chókwè Irrigation Scheme", em: Review of African Political Economy, 37:124, pp. 213.220.
- Petty, Celia, K. Selvester, J. Seaman e J. Acidri (2004). *Mozambique Assessment. The Impact of HIV-AIDS on Household Economy.*: UK Save the Children Fund.
- RdM (2005). *Legislação sobre os Órgãos Locais do Estado (Lei N° 8/2003 e Decreto N° 11/2005)*. Maputo: República de Moçambique.
- RdM (2009). *Perfil Sócio-Económico da Província de Gaza*. Xai-Xai: Governo da Província de Gaza.
- Renzio, Paolo de e Joseph Hanlon (2009). "Mozambique: Contested Sovereignty? The Dilemmas of Aid Dependence". Em: L. Whitfield (ed.) *The Politics of Aid. African Strategies for Dealing with Donors*. Oxford: Oxford University Press.
- Rosário, Carmeliza, Inge Tvedten, et al. (2008). 'Mucupuki'. *Social Relations of Rural-Urban Poverty in Central Mozambique*. CMI Report 2008:14. Bergen, Noruega: Chr. Michelsen Institute.
- Sachs, Jeffery (2005). *The End of Poverty: Economic Possibilities for Our Time*. Nova Iorque: Penguin Books.
- Schuetze, Christy K. (2010). 'The World is Upside Down'. Women's Participation in Religious Movements in Mozambique. PhD Dissertation in Anthropology. Pensilvânia: University of Pennsylvania.
- Sheldon, Kathleen E. (2002). *Pounders of Grain: A History of Women, Work and Politics in Mozambique*. Portsmouth: N.H.: Heinemann.
- Simler, K.R., e V. Nhate (2005). *Poverty, Inequality and Geographic Targeting. Evidence from Small-Area Estimates in Mozambique*. Washington D.C.: International Food Policy Research Institute.
- Sul, Cruzeiro do (2007). *Análise Multidimensional da Pobreza em Três Aldeias do Norte de Moçambique*. Maputo: Cruzeiro do Sul.
- Tvedten, Inge, Margarida Paulo, et al. (2008). *Gender Policies and Feminisation of Poverty in Mozambique*. CMI Report 2008:13. Bergen, Noruega: Chr. Michelsen Institute.
- Tvedten, Inge, Margarida Paulo, et al. (2006). 'Opitanha'. *Social Relations of Rural Poverty in Northern Mozambique*. CMI Report 2006:16. Bergen, Noruega: Chr. Michelsen Institute.
- Tvedten, Inge, Margraida Paulo, et al. (2009). *Monitoring and Evaluating Mozambique's Poverty Reduction Strategy PARPA 2006-2008. A Synopsis of Three Qualitative Studies on Rural and Urban Poverty*. CMI Report 2009:5. Bergen, Noruega: Chr. Michelsen Institute.
- Tvedten, Inge, Margarida Paulo, et al. (2009). 'If men and women were equal, we would all simply be people'. *Gender and Poverty in Northern Mozambique*. CMI Report 2009:14. Bergen, Noruega: Chr. Michelsen Institute.
- UNDP (2007). *National Human Development Report 2007, Mozambique: Challenges and Opportunities. The Response to HIV and AIDS*. Maputo: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
- UNDP (2009). *2008 Mozambique Report on the Millennium Development Goals*. Maputo: PNUD.

- UNDP (2009). *Overcoming Barriers: Human Mobility and Development*. Nova Iorque: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
- UNICEF (2006). *Childhood Poverty in Mozambique. A Situation and Trends Analysis*. Maputo: UNICEF.
- Virtanen, Pekka e Dag Ehrenpreis (2007). *Growth, Poverty and Inequality in Mozambique* Brasília: The International Poverty Center (IPC – PNUD).
- Waterhouse, Rachel (2009). *Vulnerability in Mozambique: Patterns, Trends and Responses*, II Conferência do IESE “Dinâmicas da Pobreza e Padrões de Acumulação em Moçambique”. Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE).
- Whitfield, Lindsay (ed.) (2009). *The Politics of Aid : African Strategies for Dealing with Donors* Oxford: Oxford University Press.
- World-Bank (2007). *Beating the Odds: Sustaining Inclusion in a Growing Economy. A Mozambique Poverty, Gender and Social Assessment*. Washington D.C: Banco Mundial.
- Young, Sheryllynn (1977). "Fertility and Famine: Women's Agricultural History in Southern Mozambique". Em: R. Palmer e N. Parsons (eds.) *The Roots of Rural Poverty in Central and Southern Africa*. Londres: Heinemann.

#### RELATÓRIOS CMI

Esta série pode ser encomendada a:

Chr. Michelsen Institute

P.O. Box 6033 Postterminalen,

N-5892 Bergen, Norway

Tel: + 47 47 93 80 00

Fax: + 47 47 93 80 01

E-mail: [cmi@cmi.no](mailto:cmi@cmi.no)

[www.cmi.no](http://www.cmi.no)

Preço: NOK 50

Versão impressa: ISBN 978-82-8062-281-5

Versão electrónica: ISBN 978-82-8062-282-2

Este relatório está também disponível em:

[www.cmi.no/publications](http://www.cmi.no/publications)

#### TERMOS INDEXADOS

Moçambique

Género

Pobreza

Este relatório final é o terceiro da série “Políticas de Género e Feminização da Pobreza em Moçambique”, revelando uma curiosa incongruência entre declarações frequentemente amplas e gerais sobre a desigualdade de género e a grande variação e complexidade das vidas dos homens e mulheres reais. A província de Gaza, que é o foco deste relatório, passou por uma profunda mudança sócio-económica, incluindo uma grande migração laboral masculina, uma coisificação e ‘feminização’ da agricultura e uma taxa muito alta de infecção pelo vírus do HIV/SIDA. Estes desenvolvimentos tiveram importantes implicações: uma muito grande proporção de agregados familiares chefiados por mulheres; um alto nível de participação das mulheres na agricultura e na economia informal; e uma quase igualdade de género na frequência escolar. De facto, as principais disparidades de género em Gaza parecem estar principalmente ligadas à classe social, sendo as mulheres pobres sem independência económica susceptíveis à continuação do controlo pelo sistema patrilinear e pela ideologia patriarcal.